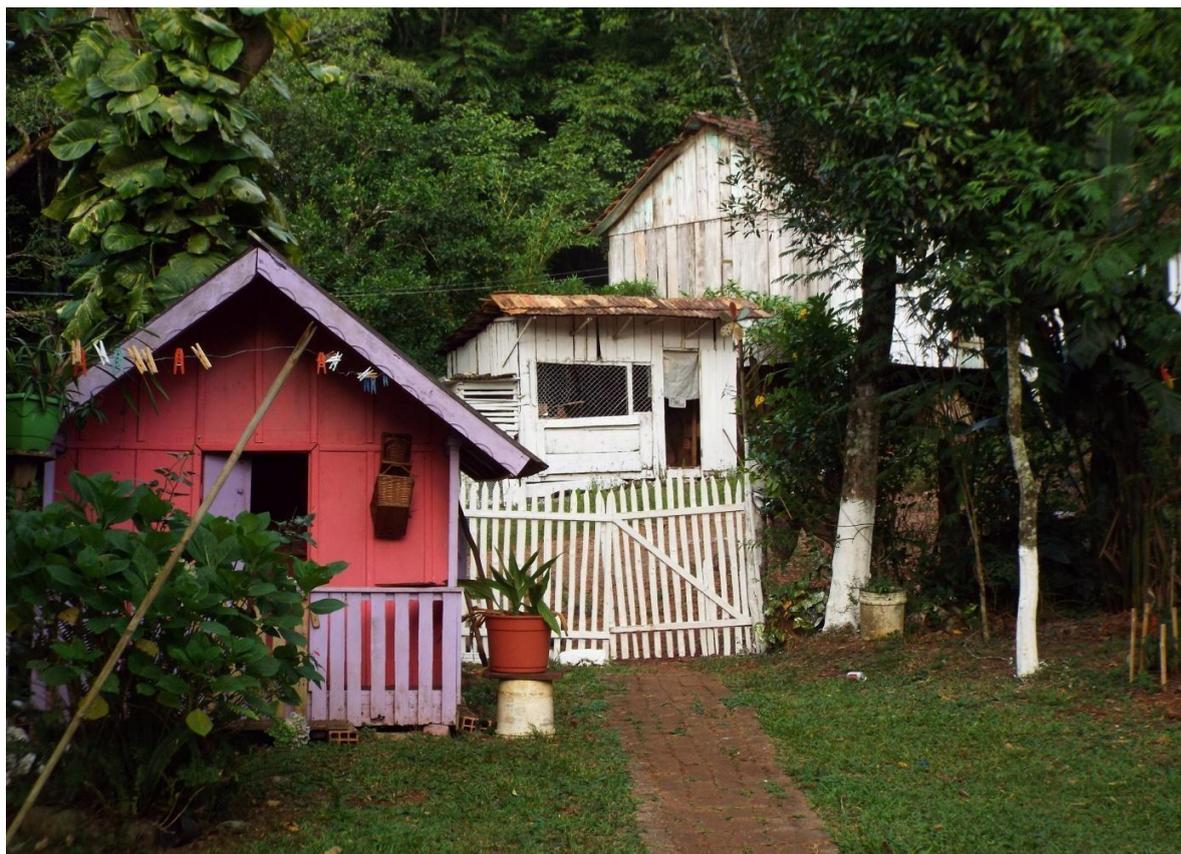


LILIAN SANTOS DA SILVA FONTANARI



# MEMÓRIAS SILENCIOSAS:

(In) visibilidade e saberes femininos no Museu Recanto do Balseiro, Itá,  
Santa Catarina

Porto Alegre  
2020

LILIAN SANTOS DA SILVA FONTANARI

# **MEMÓRIAS SILENCIOSAS:**

(In) visibilidade e saberes femininos no Museu Recanto do Balseiro, Itá, Santa Catarina

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de mestra em Museologia e Patrimônio.

Orientação: Profa. Dra. Ana Maria Dalla Zen

Porto Alegre  
2020

### CIP - Catalogação na Publicação

Fontanari, Lilian Santos da Silva  
MEMÓRIAS SILENCIOSAS: (In) visibilidade e saberes  
femininos no Museu Recanto do Balseiro, Itá, Santa  
Catarina / Lilian Santos da Silva Fontanari. -- 2020.  
112 f.  
Orientadora: Ana Maria Dalla Zen.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e  
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Museologia e  
Patrimônio, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Museologia Social. 2. Mulheres. 3. Gênero. 4.  
Museu Recanto do Balseiro. 5. Memória. I. Dalla Zen,  
Ana Maria, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LILIAN SANTOS DA SILVA FONTANARI

# **MEMÓRIAS SILENCIOSAS:**

(In) visibilidade e saberes femininos no Museu Recanto do Balseiro, Itá,  
Santa Catarina

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- graduação  
em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal  
do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do  
título de mestra em Museologia e Patrimônio.

Orientação: Profa. Dra. Ana Maria Dalla Zen

Aprovada em 29 de janeiro de 2020

Profa. Dra. Ana Maria Dalla Zen – PPGMUSPA/UFRGS

(Orientadora)

Profa. Dra. Joseania Miranda Freitas – PPGMuseu/UFBA

Profa. Dra. Luísa Gertrudis Durán Rocca – PPGMUSPA/UFRGS

Profa. Dra. Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos – Programa de Pós-graduação em  
História/UNISINOS

## **DEDICATÓRIA**

*Aos meus meninos, Lui e Ian que me permitiram sentir o mais sincero amor e me possibilitaram passar pelas experiências mais desafiadoras da minha vida: parir e ser mãe.*

*Às mulheres que conheci, aprendi e dividi momentos de alegria na construção desse trabalho.*

## **AGRADECIMENTOS**

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela excelência no ensino e na  
formação acadêmica de milhares de estudantes;

À CAPES pelo amparo financeiro tão precioso para o desenvolvimento desta  
pesquisa;

À minha mestra Ana Maria Dalla Zen, minha professora, orientadora, mãe e amiga  
por ter aceitado orientar o meu trabalho e por ter me dado a mão em um momento  
intenso da minha vida: mestrado e maternidade gemelar;

À professora Luísa Gertrudis Durán Rocca, à secretária do PPGMUSPA Josi Lima e  
ao bolsista Daniel Both pela diligência em solucionar o meu pedido de licença  
maternidade que foi fundamental para que eu conseguisse terminar a dissertação;

Às professoras do PPGMUSPA pelas aulas, discussões e pelos textos que me  
proporcionaram maturidade intelectual;

À minha querida turma: Alexsandro, Aline, Amanda, Carina, Fernanda, Kalis,  
Letícia, Miriam e Vitor, pela parceria, pelas trocas de conhecimento e pelos cafés que  
sempre nos salvaram das crises existenciais;

À Eliane pelo cuidado e atenção durante a minha agitada vida acadêmica na pós-  
graduação;

À minha grande amiga e comadre Ana por me acolher em sua casa, aturar minhas  
crises de ansiedade, ouvir os meus lamentos, pelos dias regados a vinho e boa comida  
que, por vezes, nos salvaram de dias difíceis;

Ao Museu Recanto do Balseiro, representado pela família Brand: Nilo, Nika e  
Quemili, pela parceria, amizade, confiança e acolhimento;  
À Naiara Valetini, pela contínua parceria em tornar projetos acessíveis, inclusivos e  
por seu amor à LIBRAS;  
Às ‘Meninas Arteiras’: Leila, Naiara, Júlia, Ana, Jamile, Laura e Vitória, pela  
confiança no meu trabalho, pelas trocas de energia, pelos abraços e pelo amor que  
colocam no saber fazer da arte teatral;  
À Maria, Marisa, Julieta, Luisa, Ivanir, Romilda, Marli e Nelci pela confiança, pelos  
aprendizados, pelo carinho e por dar vida a esse trabalho;  
À minha mãe Elineiza e irmã Liliane pela força, pelo amor e incentivos  
incomensuráveis;  
Ao meu companheiro Ivan por sua dedicação a nossa família e pelo amor que nos une  
por mais de uma década.

## RESUMO

A pesquisa ora apresentada foi desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e objetiva discutir sobre a invisibilidade da mulher no contexto da extração madeireira no oeste de Santa Catarina, mais especificamente na cidade de Itá, durante o período de 1940 a 1960, tendo como estudo de caso o Museu Recanto do Balseiro cujo acervo é, em parte, constituído por objetos e fotografias que têm a função de recuperar a memória da *mulher do balseiro*. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que tem como base a metodologia da História Oral a fim de reconstituir as histórias de vida de mulheres, a partir de temas como infância, educação, casamento, maternidade e trabalho, e como procedimento para a problematização do estudo, a técnica de grupo focal aplicada com um grupo de agricultoras/aposentadas, no intuito de compreender como o museu opera a memória da mulher. Apóia-se em debates da Museologia Social, da História das Mulheres a fim de identificar marcas de invisibilidade e do silenciamento da mulher nos museus, na historiografia oficial e, sob a luz dos depoimentos das participantes da pesquisa, com base nos estudos de Memória e Gênero, busca-se reconstruir a identidade da mulher rural por meio de suas lembranças e compreender as relações de poder entre homens e mulheres social e historicamente constituídas. Avalia como o museu participa, ou pode participar do processo de valorização e preservação dos saberes e fazeres das mulheres por meio do acervo e narrativas. Conclui que o estudo fomentou novas abordagens e a inclusão de ações culturais no museu sobre a mulher na história balseira e, sobretudo, permitiu às participantes da pesquisa se reconhecerem enquanto partícipes do desenvolvimento rural, levando-as para o despertar de uma consciência crítica acerca do seu papel no desenvolvimento da atividade madeireira.

**Palavras-chave:** Museologia Social. Mulheres. Gênero. Museu Recanto do Balseiro. Memória.

## **ABSTRACT**

The research presented here was developed in the Graduate Program in Museology and Heritage of the Federal University of Rio Grande do Sul and aims to discuss the invisibility of women in the context of logging in western Santa Catarina, more specifically in the city of Itá, during the period from 1940 to 1960, having as a case study the Recanto do Balseiro Museum whose collection is, in part, made up of objects and photographs that have the function of retrieving the memory of the rafters wife. This is a qualitative research based on the Oral History methodology in order to reconstruct women's life histories, based on themes such as childhood, education, marriage, maternity and work, and as a procedure for problematizing the study, the focus group technique applied to a group of farmers / retirees, in order to understand how the museum operates the memory of women. It is based on debates of Social Museology, Women's History in order to identify invisibility marks and the silencing of women in museums, official historiography and, in the light of the testimonies of the research participants, based on the studies of Memory and Gender, it seeks to reconstruct the identity of rural women through their memories and to understand the power relations between socially and historically constituted men and women. It assesses how the museum participates, or can participate in the process of valuing and preserving the knowledge and practices of women through the collection and narratives. It concludes that the study fostered new approaches and the inclusion of cultural actions in the museum about women in the history of the city and, above all, allowed the research participants to recognize themselves as participants in rural development, leading them to awaken a critical awareness about the its role in the development of the activity logging.

**Keywords:** Social Museology. Women. Gender. Recanto do Balseiro Museum. Memory.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> Mapa de localização Itá, Santa Catarina	28
<b>Figura 2</b> Fachada do Museu Recanto do Balseiro	32
<b>Figura 3</b> Missa de abertura do Encontro dos balseiros, 2017	33
<b>Figura 4</b> Roda de conversa com as mulheres em 2014	34
<b>Figura 5</b> Entrada Recanto e Museu do Balseiro	46
<b>Figura 6</b> Pedra Fundamental	48
<b>Figura 7</b> Torres de Itá	49
<b>Figura 8</b> Parque e Resort Itá	50
<b>Figura 9</b> Salas do museu	54
<b>Figura 10</b> Encontro dos Desbravadores de 2017	55
<b>Figura 11</b> Maquete cozinha de balseiros	62
<b>Figura 12</b> Quarto de dormir	63
<b>Figura 13</b> Quadro bordado Louvado Seja o Senhor	64
<b>Figura 14</b> Bordado de casamento	65
<b>Figura 15</b> Produtos fabricados pelas mulheres das famílias Brand e Simon	67
<b>Figura 16</b> Retratos de mulheres no Museu	71

<b>Figura 17:</b> Primeira roda de memória	73
<b>Figura 18</b> Apresentação da peça teatral no Museu Recanto do Balseiro	81
<b>Figura 19</b> Cena da primeira prece	83
<b>Figura 20</b> Procissão com São Miguel no Encontro dos balseiros de 2018	84
<b>Figura 21</b> Circulação da peça em Chapecó	85
<b>Figura 22</b> Cena da chegada à América	87

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>O ENCONTRO COM AS MULHERES E O TEMA DA PESQUISA</b>	<b>20</b>
<b>2.1</b>	<b>Entre indígenas, caboclos e colonos: a criação de Itá</b>	<b>23</b>
<b>2.2</b>	<b>Por uma história e memória de mulheres itaenses</b>	<b>31</b>
<b>3</b>	<b>MULHER, GÊNERO E FEMINISMO NOS MUSEUS E NA MUSEOLOGIA</b>	<b>36</b>
<b>3.1</b>	<b><i>‘O Espírito do lugar’</i>: Patrimônio e itinerários culturais itaenses</b>	<b>45</b>
<b>3.2</b>	<b>A mulher e a memória no Recanto do Balseiro</b>	<b>57</b>
<b>4</b>	<b>O DESPERTAR DAS MEMÓRIAS SILENCIOSAS</b>	<b>71</b>
<b>4.1</b>	<b>A construção das memórias: memórias em roda, rodas de memória</b>	<b>72</b>
<b>4.2</b>	<b>Entre diálogos, canções e religiosidade: a lida feminina na cena teatral</b>	<b>80</b>
<b>5</b>	<b>MEMÓRIAS QUE ECOAM...</b>	<b>89</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>94</b>
	<b>Apêndice A QUESTÕES BÁSICAS PARA ORIENTAR OS GRUPOS FOCALIS</b>	<b>100</b>
	<b>Apêndice B TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b>	<b>101</b>
	<b>Anexo I CRIAÇÃO ESQUETE TEATRAL DIA DO BALSEIRO</b>	<b>104</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Escrever uma dissertação é como gestar um ser onde mente e corpo passam por períodos de estranhamento, conexão e transformação. Estas etapas da vida - a de gestar um bebê e uma pesquisa - possuem características distintas, como felicidade, ansiedade, frustração, negação, compromisso, confiança, etc., e requerem um olhar para além do *self*. Acostumada com um vida corrida, a fazer várias coisas ao mesmo tempo, atuar em diferentes projetos e projetando outros, foi preciso desacelerar e priorizar o que era mais importante. Gestar uma dissertação e, ao mesmo tempo, dois bebês pode, num primeiro momento, parecer surreal, mas é possível. Certamente que para conseguir manter um nível considerável de minha saúde mental foi preciso muito jogo de cintura, exercícios de respiração, ioga e comidas saborosas! Afinal, não somos feitos de ferro.

Ao parir essa escrita eu paria uma nova escritora, leitora e mulher-mãe. O tema dessa pesquisa aflorou a partir de minha recente inserção na literatura feminista, em estudos sobre o protagonismo das mulheres nos museus, na museologia e na construção do patrimônio cultural. Ler e fazer histórias, pesquisas de/para mulheres nos coloca a refletir sobre autoestima, valorização, igualdade, direitos e empoderamento tão fundamentais para defrontar pensamentos, sociedades e práticas que colocam a mulher numa situação de inferioridade, submissão, incompetência, fragilidade. Nem todas as mulheres podem parir, mas as que podem devem ter livre arbítrio para escolher ter ou não um filho, ser ou não mãe. Em abril de 2019 dei à luz a dois meninos: Lui e Ian . Em janeiro de 2020 (meus bebês já com 9 meses) defendi esta dissertação.

A dissertação *Memórias Silenciosas: (In)visibilidade e saberes femininos no Museu Recanto do Balseiro* tem como objetivo discutir a invisibilidade da mulher no contexto da extração madeireira no oeste de Santa Catarina, mais especificamente na cidade de Itá, durante o período de 1940 a 1960, tendo como estudo de caso o Museu Recanto do Balseiro cujo acervo é, em parte, constituído por objetos e fotografias que têm a função de *homenagear a mulher do balseiro*. A pesquisa é qualitativa e se encaixa na metodologia da História Oral a fim de reconstituir as histórias de vida de

mulheres, a partir de temas como infância, educação, casamento, maternidade e trabalho<sup>1</sup>, por meio do trabalho de memória, e como procedimento para a problematização do estudo, a técnica de grupo focal, com base em rodas de memória, aplicada com um grupo de agricultoras/aposentadas, em sua maioria, no intuito de compreender como o museu opera a memória da mulher. A definição da metodologia foi indispensável para acessar a dimensão temporal, identitária, afetiva e simbólica do grupo de mulheres que se constituiu no foco desta investigação.

À luz de debates entre a Museologia Social e os Estudos de Mulheres, a pesquisa tem o intuito de identificar marcas de invisibilidade e do silenciamento da mulher nos museus, na Museologia e historiografia oficial a partir dos discursos expográficos do Museu Recanto do Balseiro e das narrativas das mulheres participantes da pesquisa. Com base nos conceitos de Memória e Gênero, busca-se reconstruir a identidade da *mulher do balseiro* (concebida pelo Museu) por meio de suas histórias de vida e identificar as relações de poder que se apresentam na Instituição e no coletivo formado pela *família balseira*: os balseiros e sua prole.

Foi a partir de imagens e narrativas de mulheres que estampam as paredes do Museu que esta pesquisa sofre mudança em sua rota. Num primeiro momento, objetivava compreender os sentidos e usos do museu para a memória e história dos balseiros. Contudo, ao ouvir mulheres dizendo: “Eu não fiz nada! Quem fez foi ele!” (Ísis, depoimento verbal concedido à autora em setembro de 2018), percebi que, mais do que me deter nas histórias desses homens, seria importante investigar o que há por trás do véu que envolve a história e memória de mulheres no Museu. A negação e a dificuldade de falarem sobre si mesmas ficaram bem claro quando participei do encontro dos *Desbravadores do rio Uruguai*, evento anual, realizado em 28 de setembro, que reúne os antigos balseiros e seus familiares, para homenagear a sua bravura e a importância de seu trabalho para o desenvolvimento econômico da cidade de Itá. E foi nesse momento que em mim desperta grande interesse pelos temas: mulheres, gênero, museus e museologia.

---

<sup>1</sup> Esses temas foram escolhidos por terem sido os mais citados nas entrevistas realizadas com algumas mulheres (também participantes desta dissertação), em 2017, para o desenvolvimento do Plano Museológico do Museu Recanto do Balseiro.

A construção do Estado da Arte da dissertação foi, também, um ponto importante para a decisão na escolha do tema, uma vez que, o resultado apontou uma ínfima quantidade de trabalhos na Museologia que assumem a perspectiva de gênero, tal como nos apresentam MORAES WICHERS; AZEVEDO; LIMA; VIEIRA, (2019)<sup>2</sup>. No âmbito do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, esta pesquisa é a primeira que se debruça na relação museu, museologia e gênero. Nesse sentido, essa dissertação tem grande relevância no campo científico, uma vez que irá contribuir para o desenvolvimento do tema em questão tão necessário em tempos onde há resistência a tudo que extrapola o olhar e as práticas conservadoras. Além disso, a perspectiva de gênero tem o potencial de colocar em evidência o modo como tem sido compreendidos os critérios de seleção de objetos passíveis à musealização, de tombamento do patrimônio cultural material, registro do patrimônio cultural imaterial, formatos de gestão e ações educativas nos museus. Portanto, quando inserida na dimensão do gênero, a pesquisa tenciona discursos expográficos, cuja linguagem androcêntrica e patriarcal há muito imperam e reafirmam a figura de homens-heróis, como os responsáveis pelo progresso e modernização do país.

Dito isso, justifica-se a escolha desse Museu por ser uma instituição que coloca em perspectiva o papel da mulher, definido pelo olhar masculino, como mantenedora do lar, da lavoura, responsável pela educação dos filhos, no contexto da atividade balseira, quando os balseiros, seus companheiros/pais, partiam rumo à Argentina para venda de madeiras da região. Tal enfoque às mulheres se evidencia, especialmente, em suas fotografias selecionadas para realizar um trabalho de memória. Nesse sentido se, por um lado, o Museu deixa cair o pano que cobre as mulheres em meio às histórias dos balseiros, por outro lado, suas histórias, vozes e memórias são invisibilizadas. O termo

---

<sup>2</sup> Foram levantadas 661 produções monográficas realizadas nos cursos de Bacharelado em Museologia no Brasil, bem como 283 dissertações de mestrado e 70 teses de doutorado em programas de pós-graduação que apresentavam alguma relação com a Museologia, no período de 2004 a 2017. Dentre os 1014 trabalhos levantados, apenas 9 abordam os temas gênero, mulheres e feminismo (0,8% do total). Cabe destacar que, no que concerne à autoria desses trabalhos, cerca de 75% foram escritos por mulheres. Dessa forma, embora os debates sobre museus, mulheres, gênero e feminismo tenham se ampliado na última década, ainda é tímida a introdução desses temas em monografias, dissertações e teses. MORAES CAMILA; LIMA, A. R. V.; VIEIRA, J. A. Museus e Gênero no Brasil: uma cartografia de silenciamentos e resistências. In: **IV Seminário Brasileiro de Museologia**, Sebramus, 2019, Brasília. Anais do IV Seminário Brasileiro de Museologia, Sebramus. Brasília: UnB, 2019. v. 1. p. 1-1.

(in)visibilidade aqui mencionado refere-se, por um lado, à exclusão do papel da mulher no contexto econômico itaense, marcado pela atividade madeireira e, por outro, à face visível e, ao mesmo tempo invisível, que se identifica nos discursos e acervos museológicos que o Museu escolheu lembrar e/ou esquecer. Portanto, cabe questionar, de que forma o Museu tem operado a memória da mulher? Como busca para a indagação, utilizou-se o aporte teórico de uma Museologia assentada numa perspectiva social em que patrimônios, histórias e memórias de minorias são evocados, valorizados como parte da identidade e cultura de um país constituído por diferentes vozes, forças, saberes e práticas.

Para tanto, a fim de compreender como a Museologia, o Estudo das Mulheres, de Memória e de Gênero podem contribuir para a reconstrução do papel da mulher na história de Itá e na atividade balseira, como delimitação do problema, este trabalho discute as seguintes questões: como o Museu do Balseiro participa, ou pode participar do processo de valorização da história e preservação dos saberes tradicionais das mulheres itaenses? Como a Museologia, amparada no conceito de gênero, pode contribuir para a democratização da presença e memória da mulher nos discursos museológicos? Tais questões justificam-se na medida em que elas foram gestadas a partir dos debates contemporâneos nos campos da Museologia Social e da História das Mulheres, áreas do conhecimento vinculadas às demandas práticas e problemas conceituais já identificadas a partir de incursões prévias à imersão no estudo do Museu.

Nessa perspectiva, o objetivo geral desta dissertação é fomentar discussões sobre a ausência, o silenciamento e a invisibilidade da mulher nas histórias oficiais e, mais especificamente, nas narrativas e acervos museológicos. Em decorrência, seus objetivos específicos centralizam-se em analisar o significado do papel da mulher no processo histórico de Itá, a fim de identificar as práticas socialmente instituídas em sua condição feminina; interpretar o papel exercido pelas mulheres no período extrativista no oeste catarinense; investigar as relações entre patrimônio cultural e itinerários culturais, como estratégia para compreender os impactos gerados pela construção da hidrelétrica, como a criação de equipamentos turísticos que trazendo novas formas de se relacionar com o lugar. E, finalmente, decorridas

mais de duas décadas desde a ocorrência dos eventos lembrados, a pesquisa pretende contribuir para ressignificar o modo como a mulher é apresentada no Museu, a partir dos resultados alcançados.

Diante do exposto, esta dissertação se constitui em cinco capítulos. Neste primeiro capítulo, de Introdução, é feita uma apresentação do percurso da autora até chegar ao tema e às participantes da pesquisa, se descreve o *lócus* da investigação, os problemas da pesquisa, objetivos, bem como uma síntese do estado da arte em relação ao objeto. No capítulo 2 denominado **O ENCONTRO COM AS MULHERES E O TEMA DA PESQUISA**, relato o processo que me levou às mulheres e a mudar o tema e rumo da dissertação. Na seção 2.1 **Entre indígenas, caboclos e colonos: a criação de Itá** são apresentados o universo da pesquisa, bem como o lugar em que o tema e as participantes desta estão inseridas, a fim de situar temporal e localmente o leitor. São também aqui lançadas algumas discussões em torno da história ambiental e cultural da região, bem como do processo de colonização, as primeiras incursões na atividade madeireira e identifica o papel e lugar da mulher nesse cenário. Além disso, é feita uma imersão histórica na cidade de Itá, especialmente no que se refere à desterritorialização da antiga cidade para a construção de uma Usina Hidrelétrica (UHE) e a sua realocação. A seção 2.2 descreve como o Museu começa a construir e a tornar visível a história da *mulher do balseiro* em paralelo a dos homens, figura que representa a razão de sua criação.

Em seguida, o capítulo 3 **MULHERES, GÊNERO, FEMINISMO NOS MUSEUS E NA MUSEOLOGIA** apresenta os passos que levaram à mudança paradigmática da ciência museológica e do campo museal com o surgimento da Nova Museologia, que provocou a ascensão de novos modelos de museu e de gestão. Pondera sobre a presença ou a exclusão da mulher nos museus e a importância do gênero nas pesquisas e discursos do patrimônio musealizado. Além disso, é o momento em que se focaliza o surgimento das políticas de memória que se formaram no campo dos museus, a partir da criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Destaca, ainda, o trabalho do IBRAM no reconhecimento de grupos populares como produtores de memórias e de patrimônio, ao tornar realidade a criação do Programa Pontos de

Memória para inclusão de práticas, saberes e exposição de seus problemas, cotidianos, enfim, um lugar de fala, escuta e construção de suas próprias histórias. Como consequência, o Programa tem gerado diferentes ações de recuperação de memórias e patrimônios de grupos sociais que não foram incluídos em museus e demais espaços culturais. Dentre estas iniciativas, destaco os museus de favelas e rurais, tais como o Museu da Maré, no RJ e o Museu Gruppelli, Pelotas, RS, administrados pela própria comunidade que tem o poder de lembrar e esquecer aquilo que traz sentido para a vida das pessoas.

A seção 3.1 intitulada ***O Espírito do Lugar: Patrimônio e Itinerários Culturais Itaenses***” discorre sobre os impactos gerados pela construção da hidrelétrica na (re)construção do patrimônio cultural por meio de ações de educação patrimonial e no desenvolvimento de equipamentos turísticos que refletem as transformações na vida da população e formas de sociabilização com o lugar. Já no subcapítulo 3.2 **“A mulher e a memória no Recanto do Balseiro”**, trata de discussão sobre o conceito de memória, com base em Maurice Halbwachs (2006) e Michele Perrot (1989), e identificam evidências de (in)visibilidade da mulher nos discursos e acervos do Museu e, igualmente, nas falas e recordações das participantes da pesquisa, a partir de temas já mencionados, como infância, trabalho e educação.

O quarto capítulo **O DESPERTAR DA MEMÓRIA SILENCIOSA** apresenta momentos de sensibilização, debate e autorreflexão tão importantes para que as mulheres se percebessem, se permitissem e se reconhecessem enquanto partícipe das práticas, dos saberes, do desenvolvimento histórico e rural da região. Por consequência, na seção 4.1 **“A construção da memória: memória em roda, roda de memória”** são descritas as narrativas construídas por meio de rodas de memória que envolveram histórias de dificuldades, perdas, alegrias, enfim, que enredam a vida das mulheres. Ainda, são transcritas suas impressões sobre o Museu, o acervo e o modo como elas são narradas pela Instituição. Na seção 4.2, destaca-se a criação da peça teatral *Mulheres, saberes e afazeres: o lugar da memória feminina na atividade balseira do oeste catarinense*, criada em 2018 pela atriz e diretora artística Leila Andreia Cosmann que foi contratada pelo diretor do Museu para ser apresentada no 6º Encontro Regional (e 3º Nacional) dos balseiros e descreve os seus desdobramentos, como a transformação da peça em projeto cultural

para edital de fomento à cultura de Chapecó, SC, percorrendo por diferentes espaços artístico-culturais da cidade. A teatralização da memória do cotidiano das mulheres surgiu como uma resposta às indagações e provocações que a pesquisa levantou.

Por fim, no capítulo cinco intitulado **MEMÓRIAS QUE ECOAM...**, retoma-se os caminhos que o trabalho percorreu, identificando e analisando as dificuldades, as descobertas, os acertos, erros e impasses ocorridos no planejamento, desenvolvimento e na execução da pesquisa. É também o momento onde são lançadas as provocações e considerações em torno das ações e enunciações voltadas às mulheres no Museu.

Eis que, assim, considero ter cumprido meu papel, ao reforçar a importância de que sejam realizadas outras pesquisas que abordem questões de gênero no campo da Museologia e dos museus, como uma forma de resistência em defesa do caráter democrático dessas instituições, enquanto lugares de valorização das memórias dos excluídos, dentro do espírito da Nova Museologia. Com humildade, espero que este trabalho sirva como referência para incentivar novas pesquisas que deem conta da presença da mulher nas narrativas museais.

## 2 O ENCONTRO COM AS MULHERES E O TEMA DE PESQUISA



*Quantas professoras são conhecidas como a Vera do Renato? Quantas empresárias, casadas com empresários, não viram a Mariana do Walter? Quantas mulheres com carreiras super bem sucedidas não são identificadas como propriedade de homens? E, espera, mesmo se elas não tiverem uma carreira e forem pessoas que trabalham exaustivamente como donas de casa e/ou mães, elas não são propriedades de ninguém. E, sim, elas são pessoas, indivíduos.*  
**Nina Lemos<sup>3</sup>**

‘Chega de tratar mulher como mulher de alguém!’ Foi com esse título que a jornalista Nina Lemos, colunista do site UOL, colocou em pauta a invisibilidade que cerca a mulher diante da imagem de seu célebre companheiro, como uma condição para que a sociedade note a sua presença. Sempre vinculada à figura do homem, a mulher, um reles mortal, se torna “iluminada”, mesmo ela sendo tão notável quanto ele, graças ao *status* que esta ocupa: ser esposa de, filha de, mulher de fulano de tal. A epígrafe coloca de forma eloquente a forma como as mulheres que têm algum parentesco com o balseiro são lembradas, referenciadas, conhecidas: Dona fulana, mulher de ex-balseiro.

Retratos de rostos femininos expostos na parede de um museu iluminaram o caminho que esta pesquisa percorreu. Como se identificam essas

<sup>3</sup> Chega de tratar mulher como mulher de alguém. Disponível em: <https://ninalemos.blogosfera.uol.com.br/2018/04/06/antonia-do-freixo-chega-de-tratar-mulher-como-mulher-de-alguem/>. Acesso em 31 de outubro de 2019.

mulheres? Fulana de tal, esposa de ex-balseiro. Esta dissertação é a escrita da história de vida de mulheres agricultoras, do oeste do Estado catarinense, que tiveram um papel importante para a manutenção e o desenvolvimento familiar e local, numa época em que os homens se ausentavam de seus lares a trabalho, no transporte de toras de madeiras extraídas da mata Atlântica, rumo à Argentina e ao Uruguai, entre as décadas de 1920 a 1960. Provocar essas mulheres a se perceberem como agente do desenvolvimento histórico sócio cultural do oeste de Santa Catarina, contribuir para o empoderamento e autoestima destas, bem como romper com o silêncio e a invisibilidade da mulher nos museus, é a proposta desta investigação.

O fato de eu ter participado da 15ª Semana de Museus, no Museu Casa Alberton de Itá, em 2017, foi um passo importante para meu percurso profissional e acadêmico, e, dentro dele, para a delimitação desta pesquisa. Como museóloga responsável pela elaboração do Plano Museológico<sup>4</sup> do Museu do Balseiro, pude me aproximar dos balseiros, suas famílias e histórias. Nesta experiência desenvolvi laços de amizade, sobretudo com as mulheres esposas de ex-balseiros, me via em suas falas e memórias, firmamos uma relação de confiança e tomei como meus os anseios de preservação e patrimonialização do grupo. Numa visão masculina, a trajetória das balsas e dos balseiros delineada pela história oficial não reconhece a importância de suas mulheres na produção de conhecimento, seus saberes e fazeres. Sejam como mães, agricultoras, educadoras, elas foram essenciais para manutenção da ordem social, econômica e cultural da região durante o afastamento, quase permanente, dos homens.

Todavia, é no panteão dos balseiros, o Museu do Balseiro, que a mulher é lembrada. Objetos domésticos, fotografias, roupas, registram a presença feminina durante o período da atividade madeireira até a atualidade. O papel da mulher tem sido reconstruído pelo Museu, seja nos discursos museais ou em ações culturais. Entre as atividades de maior destaque, cito a peça *Mulheres, Saberes e Afazeres*, encenada em 2018 que, como será apresentado mais adiante, no capítulo intitulado *Entre diálogos, canções e religiosidade: a lida*

---

<sup>4</sup> O Plano Museológico do Museu do Balseiro foi idealizado e implementado pela autora, por meio de um projeto cultural premiado pelo Edital Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura do Estado de Santa Catarina, em 2017, sendo finalizado em dezembro de 2018.

*feminina na cena teatral*, se tornou uma referência importante na investigação que agora relato.

Porém, o destaque à presença da mulher no Museu e na história de Itá, em que esta dissertação se detém, não significa ocultar histórias das travessias, nem desconsiderar os desafios e sofrimentos pelos quais passaram os homens. O que justifica esta investigação é a proposta de dar visibilidade à participação da mulher para o desenvolvimento local, no período da atividade extrativista, que, como já foi apresentado, vem sendo ignorada pela historiografia oficial. Trata-se da recuperação das memórias femininas que, pouco a pouco são esquecidas e desvalorizadas por elas próprias. Ora, que importância têm suas vidas, saberes e práticas frente a uma atividade tão massacrante e difícil como foi o cotidiano dos balseiros?

O jogo de lembrar e esquecer segue a regra da construção de relações e posições de poder inerentes da dinâmica dos grupos sociais e, do mesmo modo, da seleção do que será passível de preservação e de constituição como patrimônio cultural, uma prática recorrente nas instituições museais e demais espaços políticos, onde não há lugar para a neutralidade. Nesse sentido, o discurso se arquiteta em meio às lembranças e vozes de um coletivo feminino que busca reconhecimento para além da identificação como esposa de ex-balseiro, do seu papel de mãe, tanto na narrativa expográfica quanto na história dos balseiros e da atividade madeireira.

Por meio da metodologia da História Oral, a pesquisa trouxe à tona as vozes e identidades de nove mulheres de famílias de migrantes de origem alemã, originárias do Rio Grande do Sul, de onde foram levadas pela esperança de uma vida melhor, embalada por sonhos de um futuro mais próspero e pela constituição de um território mais acolhedor, o que acreditam ter encontrado na antiga vila de Itá. A história oral, nesse sentido, foi importante para se chegar às histórias individuais, vivências e aos relatos das e pelas mulheres. Sob a forma de grupo focal, foram realizados dois encontros na residência de uma das participantes e contou com a presença das mulheres e de dois homens; Nilo Brand, neto e bisneto de balseiro, fundador do Museu Recanto do Balseiro e Antônio Leopoldo Simon, ex-balseiro. Como resultado, ficou claro que estes participantes, ao se referirem sobre importância da mulher na história balseira, destacaram a sua liderança, diante da ausência da figura masculina, o

significado de seu papel educativo, como um pilar na formação dos filhos, isto é, responsáveis em ensinar valores, princípios, julgamentos, formas de pensar e agir.

O tema da pesquisa assim foi se constituindo em meio a imagens de mulheres anônimas, num lugar de celebração da memória masculina, ancoradas por um duplo movimento: visível e invisível. Diante dessa mirada, somado ao meu interesse na literatura feminista, a pesquisa de mestrado tomou novos rumos, alcançou novos horizontes que me fizeram refletir sobre a luta da mulher em meio a um cenário de dominação e poder masculino que se reflete em desigualdade de gênero presente, também, nos museus e na Museologia.

## **2.1 Entre indígenas, caboclos e colonos: a criação de Itá**

Este sub-capítulo apresenta o universo da pesquisa, situando-o histórica e socialmente, descrevendo dentro dele as participantes e os participantes que tornaram possíveis os caminhos da investigação. Primeiramente, é feita uma breve incursão na história da região do oeste catarinense e a cidade de Itá, em que são identificados seus primeiros habitantes, como ocorreu a chegada dos colonizadores e as transformações que Itá vem atravessando no percurso de sua história. A partir daí, o texto se debruça na tentativa de desconstruir a história oficial, dedicada aos saberes e feitos masculinos, como um caminho para identificar o papel das mulheres no processo de desenvolvimento do lugar, da cidade, tanto no aspecto cultural, quanto no social e econômico.

A historiografia sobre a ocupação humana do oeste catarinense apresenta relatos diversos e até mesmo questionáveis. Ao estudar esse processo, Poli (2006) conclui que pouco se sabe sobre a origem dos caboclos<sup>5</sup>,

---

<sup>5</sup> O caboclo do Oeste catarinense apresenta características étnico-raciais, socioeconômicas e culturais particulares. Foi a partir de meados do século XIX que um novo contingente populacional, formado por luso-brasileiros, denominados como caboclos, se tornou predominante na região. O povoamento caboclo se deu inicialmente ao longo do Caminho das Tropas e, depois, avançou para o interior das matas. Via de regra, ele chegava como excedente populacional das fazendas, onde era responsável pelo cultivo de subsistência, e passou a ocupar as zonas de matas e a explorar a erva-mate como atividade de subsistência. Na sua maioria, o caboclo vivia isolado no interior e nas matas da região, numa espécie de solidão natural, longe dos recursos que a modernidade proporcionava às pessoas dos centros maiores. Esse contingente populacional de luso-brasileiros foi um pioneiro desbravador do território Oeste catarinense. (RADIN, José C. e CORAZZA, José C. Gentil. Dicionário históricossocial do Oeste catarinense. SC: Ed. UFFS, 2018.

uma vez que “[...] não há determinante básico que tenha fundamentado à vinda de todos eles. Supõe-se que esses primeiros habitantes chegaram à região através da busca da erva-mate, que foi explorada desde o início do século XIX” (POLI, 2006, p. 172). Essa perspectiva é corroborada por Marcon (2003), ao afirmar que uma compreensão mais contextualizada sobre como a região do oeste catarinense foi sendo construída, desenvolvida e transformada. Em meados do século XIX, a região era ocupada por índios Kaingang, que, com criação do município de Chapecó, em 1917, aos poucos a paisagem foi se alterando:

[...] ocorreram profundas transformações, principalmente com a abertura da estrada que interligou a província de São Paulo (SP) com a de São Pedro (RS), caminho pelo qual os tropeiros conduziam as tropas de gado e de mula às feiras de Sorocaba. Ao longo deste caminho, iniciado em 1845, consolidaram-se vários povoados nas províncias de Santa Catarina e de São Pedro, entre os quais os de Xanxerê, Passo dos índios, Passos do Carneiro, (Passo Bormann), Goio-En, Nonoai e Cruz Alta (MARCON, 2003, p. 58-59).

Com a abertura da estrada, a região passa a ser vista como uma oportunidade de fixação de moradia para famílias vindas do Paraná, de São Paulo e do Rio Grande do Sul. Aos poucos, vão surgindo povoados, como Goio-En e do Passo Bormann. No entanto, foi a partir da abertura de outra estrada ligando São Paulo e Rio Grande do Sul, segundo Marcon (op.cit), que se iniciou o processo de demarcação de colônias e aldeamento dos índios.

O rio que forma o Vale Uruguai catarinense é um dos principais patrimônios naturais do Estado. Seu curso faz confluência com o Rio Grande do Sul e demarca fronteira com a Argentina. Além do recurso hídrico, a região, rica em florestas constituídas por variadas espécies de madeiras, despertou o interesse econômico de empresas colonizadoras. A paisagem natural do território foi em pouco tempo impactada pelo extrativismo provocado pela chegada maciça de imigrantes alemães, atraídos para a região na década de 1920:

[...] com suas foices, machados, facões e serrotes, transformaram árvores em toras de madeira, que, além de sua comercialização pelo rio Uruguai, eram utilizadas para a construção de habitações, igrejas, escolas, casas de comércio, entre outros. Em geral, diante da expectativa de migrar para um ambiente de mata virgem, os colonos traziam ferramentas e alguns animais, que eles garantiam o início da

limpeza do terreno, permitindo o desenvolvimento da agricultura. (RADIN;VICENZI, 2017, p. 92).

Tendo como foco uma ideia de progresso e desenvolvimento econômico, as empresas extrativistas de madeira passam a ceder colônias de terras para se estabelecerem as famílias europeias, vindas da Alemanha, em busca de novas perspectivas de sobrevivência e de vida. Constitui-se, desse modo, um novo espaço social, em que introduzem suas formas de vida, saberes, fazeres e cotidianos no lugar antes ocupado por índios e caboclos. Com a colonização, novas práticas foram sendo introduzidas, como o desmatamento extensivo das florestas. E, desse modo, as populações anteriores foram alijadas, praticamente expulsas da região:

Após a colonização, com o aumento populacional, paralelo à extração madeireira, a floresta foi sucumbindo a atividades econômicas, como a criação de animais e agricultura. As empresas colonizadoras que se instalavam na região derrubavam a floresta para delimitar os lotes a serem vendidos. Foi adotado por essas empresas o termo chamado ‘Limpeza das áreas ou das matas’, que designava a derrubada da floresta com o objetivo de estabelecer fazendas, nas áreas ocupadas apenas pelas espécies animais e vegetais da floresta. (SILVA, C; BRANDT, M; MORETTO, S., 2017, p. 193).

Os colonos tiravam seu sustento da agricultura. A economia local se baseava na plantação de uva e cana, e com a produção de cachaça, açúcar, rapadura, marmelada, melado e bagaço de cana. Todavia, como afirmam Silva, Brandt e Moretto (2017), a valorização dos terrenos de araucárias provocou a imediata instalação de empresas madeireiras na região, fazendo uso não só de vias terrestres para a sua comercialização, como também as fluviais. Assim, o rio Uruguai passou a ser o principal meio de traslado de balsas e madeiras que seguiam rumo à Argentina e Uruguai:

Quando a balsa era construída com toras, estas possuíam mais ou menos 10 metros de comprimento. As toras ou torradas, vocábulo empregado por muitos balseiros, eram colocadas uma ao lado da outra. As que possuíam o mesmo comprimento formavam o ‘Pelotão’. Este era de 10 a 15 toras, amarradas a uma travessa de madeira de Lei forte, cuja espessura variava de 20 a 25 cm de diâmetro, chamadas pelos balseiros de ‘lata’. A lata possibilitava a amarração e fixação da madeira. (BELLANI, 2006, p. 79).

A incursão madeireira faz surgir uma nova categoria de trabalho, o balseiro, que também se demarcava por uma hierarquia social, entre os

patrícios e os peões (Op. Cit,p. 88). Dentro dela, se evidenciava uma separação entre patrão e empregado, o que provoca o distanciamento entre os balseiros e seus chefes. Tal afirmativa é identificada na fala do balseiro Waldemar Aigner, em entrevista cedida durante o “Encontro dos Desbravadores<sup>6</sup>”, quando afirma que os antigos patrões não costumam participar dos reencontros no Museu do Balseiro, pois eles não se relacionam mais com aqueles que foram seus empregados.

Sem dispor de mapa, bússola ou qualquer outra ferramenta de navegação, o balseiro deveria ter o rio na ‘mente’, sobretudo os vinte e oito obstáculos presentes no trajeto. Apesar dos riscos e do longo tempo que ficavam distantes de seus lares, o trabalho oferecia boa remuneração. Desse modo, grande parte dos imigrantes se tornou balseiro, pela falta de outras opções de trabalho, ou por ter herdado a profissão.

A presença indígena e cabocla na região, muito anterior à chegada dos colonos, se constituía de forma sustentável, quando os habitantes possuíam suas ‘terras de viver’, onde construía suas casas e cultivavam seus alimentos, “[...] como a farinha de beiju fabricada no monjolo ou a farinha de mandioca produzida na atafona<sup>7</sup>” (RENK; SAVOLDI, 2011, p. 64). O território protagonizado e constituído pelos primeiros habitantes, índios e caboclos, sofre alterações, recebe novos valores e nele se formam novos caminhos e fronteiras (HOLANDA, 1995) instituídos com a chegada do colonizador. Daí decorre que, com a instalação do novo grupo, o espaço é reconstituído por outros elementos culturais que se entremeiam no tecido social em que se desenvolve a vida cotidiana.

Assim, a paisagem e os modos de vida da população indígena e cabocla foram aos poucos sendo modificados pela ideologia do progresso e de desenvolvimento de empresas colonizadoras que chegaram à região em 1916,

---

<sup>6</sup> Entrevista ocorrida no I Encontro nacional e V Encontro regional na cidade de Itá, em setembro de 2017.

<sup>7</sup> “[...] meio de transformação do milho em fubá, matéria-prima do pão de milho. [...] os grãos de milho são depositados na parte superior {da máquina}, em forma de cone e, posteriormente, de forma controlada, os grãos são repassados, através de uma pequena abertura que há no fundo da peça, e jogados entre as duas pedras do moinho, cujo diâmetro varia de um para outro equipamento. O atrito entre as duas mós que se movem uma sobre a outra, é que faz o trabalho de trituração dos grãos. O processo é repetido mais uma vez para que a farinha de milho, finalmente, fique pronta”. Disponível em: <http://www.aguasmornas.sc.gov.br/historico-engenhos.htm> Acesso em 31 de outubro de 2019.

dentre as quais a Luce Rosa & Cia, marca a criação da antiga Itá, em que núcleos de imigrantes, atraídos pela atividade madeireira, passam a habitar na região, à semelhança do que ocorreu no Rio Grande do Sul no início da imigração europeia, quando novos desbravadores chegaram ao oeste catarinense, encontraram com um território impactado e a presença de uma densa floresta. De modo também idêntico ao que ocorreu no Sul do País, a instalação dos colonos na nova terra se constituiu num fator determinante do “[...] delineamento do mapa da devastação florestal do alto vale do rio Uruguai, no estado de Santa Catarina” (CABRAL; CESCO, 2008, p. 41). Sobre o ciclo migratório, Renk e Cabral Jr. (2002, p. 11) revelam ainda que:

A partir de 1927, colonos descendentes de alemães do Rio Grande do Sul, sob orientação dos padres jesuítas, fundaram em Santa Catarina, às margens do Rio Uruguai, o núcleo colonial de Porto Novo, destinado exclusivamente a colonos alemães católicos. A decisão de fundar esse núcleo ocorreu no Congresso dos Católicos, em Santa Cruz do Sul-RS, em 1925. À frente desse empreendimento estava a T/olkverein (Sociedade União Popular do RS — SUP). Caixas Rurais — Caixa Rural União Popular (Volkverein-Sparkassen) e a Revista Sankt Paullisblatt, em língua alemã, órgão oficial da SUP no Rio Grande do Sul, em 1912, pelo Padre Theodor Amstad, S.J.

Os primeiros colonos a chegarem às terras itaenses são mencionados e lembrados de diferentes formas, seja na história oficial do lugar, nas narrativas de historiadores locais, nos nomes dados às ruas e praças e nos espaços políticos, como a administração municipal, museus e casas de memória. Caminhos, meios de locomoção e estadias que levaram os imigrantes a nova morada são minuciosamente descritos por Grazioli (2006) ao se referir às famílias Scheuble, Bernardi, Paludo, Sponchiado, entre outras, que foram personagens de um dos casos que levaram ao estabelecimento da cidade de Itá. A identidade indígena e cabocla de Itá não é lembrada e nem transcrita com a mesma riqueza de detalhes pelo referido autor (que coordenou pesquisas e projetos, junto à instituição municipal, tendo como base a história da cidade), a não ser por um de seus parágrafos sobre curiosidades ao mencionar a origem do nome do município.

**Figura 1**  
**Mapa de localização Itá, Santa Catarina**



Fonte: CONSÓRCIO ITÁ, 2000, p. 21

A primeira versão da cidade, nesta pesquisa, faz referência ao mito do dilúvio, em que Deus, na concepção cristã, e Zeus, na mitologia grega, lançam uma terrível tempestade que alagou toda a terra, como forma de punição aos seus filhos, devido às suas más ações. No caso de Itá, o mito cede lugar à realidade. No entanto, quem provoca o dilúvio é o homem, e quem o idealiza e concretiza é uma usina hidrelétrica. Em consequência, para a construção da usina, a cidade foi alagada, e uma nova Itá foi construída em local próximo, mas em altitude maior. A decisão, contudo, não foi fácil. Após diversos confrontos entre as populações atingidas pela barragem e a Usina, os grupos chegaram às seguintes negociações:

1) Venda ou desapropriação de acordo com a qual o morador recebe em dinheiro o equivalente a seus bens; 2) Permuta do terreno e relocação indenizada. Houve incentivo por parte da comissão e prefeitura para a escolha desta forma de negociação, evitando assim um esvaziamento da cidade. Grande parte dos moradores optou pela permuta. (PEIXER, 1993, p. 46).

Lideranças locais, dentre as quais se destacava Nilo Brand, mantenedor do Museu do Balseiro, se uniram para formar o *Movimento dos Atingidos por Barragens* (MAB), no ano de 1987, que obteve, como resultado, um “[...] um acordo sobre a construção de reassentamentos coletivos”. (MOVIMENTO DOS ANTINGIDOS POR BARRAGENS, 2011, doc. eletr.). Por outro lado, o clima de conflito e tensão provocou uma divisão, entre os moradores que eram favoráveis e aqueles que eram contrários às mudanças, evocando em discursos tensos e plenos de desconfiança (PEIXER, 1993).

Conflitos e negociações marcaram o processo de transição da cidade entre os moradores e a empresa responsável pela construção da barragem. A Usina fez,

[...] parte de uma política nacional de formação de infra-estrutura para o desenvolvimento nacional. Dentro desta política, o Estado brasileiro projetou para a bacia do Rio Uruguai a construção de 25 hidroelétricas, sendo 3 binacionais”. (Op. cit. p. 9).

Ainda, de acordo com a autora, essa tomada de posição sobre a construção da Hidroelétrica não envolveu a participação da população itaense que se viu rendida por uma ação autoritária e antidemocrática. Formas de subsistência, relações de vizinha e núcleos identitários foram extintos, juntamente com a antiga cidade, para a criação do novo lugar que se apresentava, por seus idealizadores, como símbolo de progresso da nação.

A Usina Hidrelétrica de Itá (UHE Itá), por exigência legal, criou o CDA - Centro de Desenvolvimento Ambiental, como ação compensatória pelos impactos ambientais, sociais e econômicos, que a empresa provocou na região. Dentre as ações da UHE-ITÁ se destaca o “Programa Arca de Noé” (antes denominado de Programa de preservação da memória e do patrimônio histórico-cultural), criado a partir dos programas: Estudo de impacto ambiental (EIA) e o Relatório de impacto ambiental (RIMA), coordenado pela arquiteta Maria Elisabeth Pereira Rego, em ano, com o objetivo de trabalhar, com a população atingida que optou por ficar em Itá, questões ligadas à memória e ao patrimônio histórico-cultural, como forma de reforçar e valorizar a identidade. Como consequência do alagamento da cidade, as relações de vizinhança e sítios paisagísticos de valor cênico, como destaca Rego (2000), se perderam. Nesse sentido, alguns pontos foram elencados para o desenvolvimento do

trabalho com a população, tais como: o resgate de

[...] elementos histórico-culturais da área que será inundada, tomando como expressão tangível os bens naturais e os construídos, as suas formas de apropriação e a sua relação no contexto das relações socio-econômicas, assim como as manifestações que expressam o fazer e o pensar dos grupos sociais ao longo do tempo. (REGO, 2000, p. 208-209).

Para atingir tais objetivos foram desenvolvidas ações de pesquisa, seleção, documentação e tombamento de peças e documentos relativos a história e cultura local, como também a contribuição para a criação de espaços de comunicação do acervo, em nível municipal, de registros de sítios paisagísticos, registros audiovisuais acerca da cultura local, dos costumes, das tradições, das diferentes formas de expressão da comunidade, da remoção de edifícios arquitetônicos com referência histórica. Por meio de assessoria técnica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), da Federação Catarinense de Cultura (FCC) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (IPHAES), o Programa foi implantado em 1994 no “I Fórum sobre o Resgate da Memória e do Patrimônio Histórico e Cultural da região atingida pelo reservatório da UHE Itá”, tendo como objetivo a apresentação do Programa, seus objetivos e o exercício de sensibilização com a comunidade sobre a história local, de vida e o sentido da identidade na construção do pertencimento. Do Fórum resultaram ações de Educação Patrimonial (EP), especificamente três oficinas, sob a coordenação de Evelina Grunberg e Adriane Queiroz Monteiro, (técnicas do Museu Imperial de Petrópolis, RJ), que colocaram em prática os exercícios metodológicos propostos pela EP, cujo foco se voltava para a identidade cultural das comunidades atingidas pela barragem.

Programas e projetos de Educação Ambiental foram criados pelo CDA, objetivaram assistência aos moradores do entorno do reservatório, que, de um momento para outro foram transformados em vítimas de um processo de profunda desterritorialização. O fenômeno da desterritorialização, conceito proposto por Deleuze e Guattari (1997), se constitui pela transição de um lugar, com o deslocamento do local de origem de uma comunidade. Trata-se do processo de mudança do território, uma realocação espacial de um grupo para uma nova morada, o que implica na reorganização social, composta em novos

valores, práticas e saberes.

As memórias, identidades, os fazeres e saberes da comunidade, nesse sentido, perdem a sua base, isto é, o lugar em que vivências e experiências foram sedimentadas, causando esquecimento e a criação de uma *tradição inventada* (Hobsbawm, 1987, p.15), em que movimentos, instituições políticas ou grupos, na tentativa de valorizar uma realidade atual problemática, “[...] criam um passado antigo que extrapole a continuidade histórica real seja pela lenda [...], ou pela invenção [...]”. No caso de Itá, a invenção de uma tradição pode ser identificada na ênfase dada à recuperação das memórias dos balseiros, considerados como vilões pela História oficial do País, por sua vinculação à ação dos madeireiros, que, ao invés dos primeiros, enriqueceram a exploração da Mata Atlântica e do quase desaparecimento das araucárias.

Em seguida, a pesquisa descreve como o Museu passa a construir e a tornar visível a história da *mulher do balseiro* em paralelo a dos homens, figura que representa a sua razão de existir a fim de identificar como o acervo e a história sobre essas mulheres se apresentam e se refletem nos discursos museológicos.

## **2.2 Por uma história e memória de mulheres itaenses**

A história de um lugar é comumente narrada por um personagem masculino que elege outro personagem masculino para a construção de sua narrativa sobre o surgimento e desenvolvimento deste. Esse tipo de abordagem origina-se no androcentrismo que tende a descrever e explicar a origem e o sentido das coisas tão somente pela visão do homem. Isto explica, de certo modo, o porquê não se sabe, ou pouco se sabe, sobre a historiografia das civilizações narradas e adotadas pela ótica feminina.

Às mulheres atribuem-se a opacidade do trabalho doméstico, a manutenção do lar e a lida com a terra. Suas histórias e memórias são, por vezes, apagadas da historiografia oficial. Para celebrar a memória dos empregados dos madeireiros (proprietários das empresas colonizadoras), o Museu Recanto do Balseiro foi criado para ser um espaço de representação e

afirmação da identidade balseira: homens que desbravaram o oeste catarinense, atuando num trabalho rude e difícil, como praticamente a única forma de conseguirem manter suas vidas com alguma dignidade. De acordo com Colling (2004, p. 39):

A história das mulheres apenas tem sentido se a analisarmos na relação ao outro sexo. [...] a importância da categoria de gênero, que questiona os papéis sociais destinados às mulheres e aos homens. Falar em gênero em vez de falar em sexo indica que a condição das mulheres não está determinada pela natureza, pela biologia ou pelo sexo, mas é resultante de uma invenção social e política.

**Figura 2**

**Fachada do Museu Recanto do Balseiro**



Fonte: Acervo pessoal da autora

Desde a sua abertura, o Museu realiza encontros anuais intitulados *Desbravadores do Rio Uruguai*, que reúne os balseiros e suas famílias para reativar o passado, renovar os laços de pertença e compartilhar sonhos. Nessa ocasião, uma festa marca o dia, com cultos religiosos, comidas típicas, acompanhados por danças e a execução do Hino dos Balseiros: Balseiros do rio Uruguai, de Barbosa Lessa. (Balseiros do Rio Uruguai)<sup>8</sup>, interpretado por

<sup>8</sup> *Oba, viva veio a enchente o Uruguai transbordou vai dar serviço prá gente. Vou soltar minha balsa no rio, vou rever maravilhas que ninguém descobriu. Se chegar ao Salto Grande me despeço deste mundo, rezo a*

crianças da rede municipal de ensino. Muito além de um simples dia de lazer, o Encontro permite que o grupo reafirme a sua identidade, vindique o seu reconhecimento e a sua inserção na história oficial da cidade. Com dificuldades financeiras, falta de equipe técnica, o MRB demonstra que é possível realizar um trabalho em conjunto com a população (quando envolvida e se esta se sente do processo museal), ao ouvir e tomar para si as demandas do público.

Portanto, ao realizar o trabalho de preservação e transmissão da história e do ofício do balseiro, em conjunto com a comunidade, oportunizando aos sujeitos o papel de protagonista, o museu colabora na construção do conhecimento e do sentimento de pertença tão importantes para o desenvolvimento do pensamento crítico e fortalecimento das identidades. Assim, os museus precisam manter um equilíbrio entre realidade e utopia para que um não seja contraponto do outro, e sim complemento.

**Figura 3**

**Missa de abertura do Encontro dos balseiros, 2017**



Fonte: César Castro

A missa de abertura do Encontro de 2017 foi realizada por uma mulher que, a pedido do padre, impossibilitado por motivo de saúde, o substituiu. A sua função foi conduzir a celebração religiosa tal como é realizada na igreja. A

---

*Deus e a São Miguel e solto a balsa lá no fundo. Quem se escapa deste golpe, chega salvo na Argentina. Só duvido que se escape do olhar das correntinas.*

mulher ocupando o lugar de destaque e de poder do homem é ação de empoderamento feminino. Essa não foi a primeira vez que a mulher recebe destaque no museu. No ano de 2014, três anos após a abertura do Museu, seu idealizador tomou a iniciativa de colocar na pauta do Encontro dos *Desbravadores* a importância das *mulheres dos balseiros* na história e no museu. Nas palavras do idealizador do Museu, as mulheres também merecem ser lembradas:

[...] as mulheres dos balseiros eu também quero parabenizar, porque veja bem, enquanto que os maridos viajavam, as mulheres brigavam com as onças em casa, então a vida das mulheres era muitas vezes uma briga contínua com as onças, quando o marido estava e quando não estava. [...] As mulheres faziam fogueiras ao redor do rancho [...] para [...] jogar contra a onça, aí ela se afastava. (BRAND, depoimento verbal, concedido à autora em setembro de 2018).

Na ocasião, as participantes relataram *as histórias dos balseiros* da família e episódios por elas vivenciados durante a época das balsas. Não há registros desse trabalho no Museu, o que impossibilita analisar de que forma foi realizado, quais foram os objetivos alcançados e o que ele significou para as participantes.

**Figura 4**

**Roda de conversa com as mulheres em 2014**



Fonte: Acervo do Museu Recanto do Balseiro

De fato há uma preocupação do Museu em recuperar a memória da mulher, no entanto, suas histórias são colocadas como apêndice às dos homens, isto é, uma condição para que elas sejam mencionadas, lembradas, *parabenizadas*. Suas memórias têm sido atreladas às dos balseiros, cobrindo-as de narrativas estereotipadas e simplistas que as colocam numa condição de invisibilidade. Os idosos também se enquadram nas classes dos oprimidos. Suas vozes são silenciadas, suas memórias esquecidas e suas vidas submetidas às responsabilidades de seus “guardiões”, filhas e filhos que, em muitos casos, passam a tomar decisões por eles e os privam do seu direito de escolha, alterando, desse modo, o seu *status quo*. Se há uma invisibilidade do idoso na esfera social, isso se amplia quando se trata da mulher idosa. Essa diferenciação das atividades por sexo é percebida, de forma clara, no grupo de mulheres participantes da pesquisa.

Se, por um lado, a instituição tem operado com a memória desse grupo, por outro, percebe-se que se faz necessário um trabalho de memória, de representação para que essas mulheres recebam um espaço no cerne do museu, isto é, na sua missão. Foi por meio da criação de sua missão que o Museu começa a reconstruir a história das mulheres que este tem a intenção de fazer lembrar, de valorizar, como veremos em seguida, no capítulo 3.

### **3 MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO NOS MUSEUS E NA MUSEOLOGIA**

Que lugar ocupa a mulher, seu saber-fazer e sua história nos museus e na museologia? Debater sobre a problemática da invisibilidade da mulher é um ato de resistência e direito à memória. A categoria gênero tem chamado à atenção de pesquisadoras e pesquisadores da Museologia, preocupados em problematizar a política, missão, as ações, os discursos expográficos dos museus que omitem, deturpam ou excluem as narrativas sobre as minorias sociais, como é o caso das mulheres. Embora o tema mulher tenha sido levado para cena das discussões teóricas da Museologia, percebe-se que há um baixo índice de estudos que deem conta do problema em questão, a invisibilidade da mulher. Como se propõe esta dissertação, a pesquisa objetiva abordar sobre as memórias silenciosas de mulheres camponesas, presentes no acervo do Museu Recanto do Balseiro, cujas histórias se mostram, por vezes, invisíveis, frente à perspectiva e discurso androcêntrico. De acordo com as participantes da pesquisa, ações de representatividade feminina são um dos pontos frágeis do museu.

Essa pesquisa toma para si a inquietação trazida pelas autoras Ana de Oliveira e Marijara Queiroz (2017) sobre o porquê de nós mulheres, sendo a maioria no campo museal, por tanto tempo “fechamos os olhos” para a questão da atuação e presença da mulher nos museus, até então desvalorizada. Importa compreender que, os novos tempos mostram olhares mais acurados para o problema em questão.

Partindo para a realidade do Brasil, Maria Margaret Lopes (2016), em seu texto “Bertha Lutz e a importância das relações de gênero, da educação e do público nas instituições museais”, aponta que os estudos de gênero ainda não foram inseridos no campo da Museologia brasileira e coloca algumas problemáticas para a reflexão sobre que papéis cabem aos museus diante dos desafios contemporâneos. A orientação do texto se encaminha para a trajetória profissional de Bertha Lutz, cientista, botânica, deputada, advogada, feminista e especialista em museus, que muito contribuiu para o campo museal, mas que, no entanto, o seu reconhecimento foi tardio. Como uma profissional tão

gabaritada como Lutz ficou esquecida pela historiografia científica? Mais conhecida por suas lutas feministas, a única especialista em museus na década de 1930, segundo Lopes (2016), contribuiu significativamente para o desenvolvimento dos museus e da Museologia, levando e trazendo cases de diferentes museus pelos quais ela transitou.

Defensora do museu enquanto espaço democrático, Bertha Lutz alertava que os acervos não deveriam ser estáticos, que os museus precisavam alcançar o dinamismo e a projeção social. Este estado de paralisia dos acervos museológicos pode ser percebido na atualidade, em razão da intencionalidade ou do desdém de curadores, gestores e demais profissionais. Por consequência, tanto no caso do Museu Recanto do Balseiro, quanto em demais instituições, muitos acervos que correspondem ao tema mulher são estáticos, reforçam estereótipos ou, como afirma Lopes, são acríticos. Importa desse modo, desconstruir o estado desses acervos e despertar no público uma consciência crítica e transformadora.

O estudo de mulheres nas diferentes esferas da sociedade emerge nos anos de 1960, por meio das esferas científica, sociológica e política. O primeiro fator, segundo Perrot (2008), é atribuído aos estudos do historiador Georges Duby que, por meio da corrente antropológica, iniciou seus estudos sobre as mulheres, preocupado em questionar: afinal, o que se sabia, até então, das mulheres? Eis o questionamento que faz o teórico se debruçar pelo tema. O segundo corresponde ao acesso da mulher nas universidades, como docentes e discentes, após a II Guerra Mundial. E o terceiro se constitui pelo próprio movimento de libertação feminina, tendo como uma das principais entusiastas, Simone de Beauvoir.

Por outro lado, a questão relativa aos direitos das mulheres, seja na esfera do trabalho, sexual, ou intelectual, surge a partir do movimento feminista, cujo termo *feminismo* foi criado em 1911, nos Estados Unidos (GARCIA, 2015), numa tentativa de fazer valer as vozes, decisões e os pensamentos das mulheres, ignorados, censurados e esfacelados pelo mundo patriarcal, isto é, pelo sistema gestado sob a lei dos homens que cria, delimita e define os passos e atos femininos. Nesse sentido, o feminismo se explica:

[...] como uma tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim. Partindo desse princípio, o feminismo se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social. (Op. cit, p. 13).

O sentido do feminismo está em dismantlar o sistema patriarcal que coloca a mulher numa posição inferior em relação ao homem e que também desconsidera o fazer doméstico e enquadra-o como uma atividade exclusivamente feminina, logo de pouco valor. A importância do Movimento Feminista é visível nos diversos casos de dominação e violência contra a mulher que estampam capas de jornais e se manifestam nas diferentes classes sociais. Embora nenhuma das participantes da referida pesquisa se reconheça como feminista isso não pressupõe que o pensamento e as propostas dos estudos de gênero se detêm ou se adequam apenas àquelas que compartilham do mesmo pensamento, uma vez que, sendo ou não feminista, a perspectiva de gênero se revela importante para a desconstrução e o reconhecimento do papel da mulher em diferentes instâncias da vida em sociedade para além do espaço privado e do trabalho dedicado ao lar e afazeres manuais.

O conceito de gênero, de acordo com a historiadora Joan Scott (1995, p. 86), “[...] deve partir de duas premissas: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma de dar significado às relações de poder”. Portanto, é por meio do conceito de gênero, bem como do estudo de mulheres, que a pesquisa se arquiteta, no sentido de justificar e reconstruir, desse modo, algumas das fendas identificadas na história de mulheres itaenses, na gestão e no desenvolvimento rural.

A dominação masculina (BOURDIEU, 1930-2002) é calcada no androcentrismo, aquele que reconhece as ações da humanidade pela perspectiva do homem e impõe à mulher uma:

[...] “condição feminina”, ou seja, da condição de opressão que coloca a mulher como o Outro ou o negativo em relação ao homem, este visto como positivo. Trata-se fundamentalmente de um ponto de vista engajado e político, no sentido da denúncia ao patriarcado e às formas de regulação e hierarquia que partem da divisão sexual binária

mulher/homem para daí apreender sentidos sobre o que constitui o feminino e o masculino em sociedade. (OLIVEIRA; QUEIROZ, 2017, p. 65, grifos do autor).

Nesse sentido, a visão androcêntrica determina que discursos, histórias, personagens, etc., serão valorizados e transformados em referência nos meios de comunicação (GARCIA, 2015). Cabe, desse modo, questionar se os museus e a museologia se aproximam ou se distanciam dessa percepção e como esta implica na construção de abordagens de gênero nos campos prático e teórico desse saber fazer. O universo da museologia é, predominantemente, feminino, isto é, as mulheres são a maioria na discência, docência e em áreas técnicas dos museus. No entanto, ainda são os homens que ocupam e recebem lugares de destaque nos acervos, nas exposições e ações museológicas. De acordo com Brulon (2019, p. 21):

Apesar de a Museologia no Brasil se configurar como um campo majoritariamente feminino, até o presente constatamos a ausência de narrativas nos museus e de estudos reflexivos na academia que assumam o gênero como questão estruturante. Tal paradoxo se dá muito mais por fatores simbólicos do que numéricos, como vêm mostrando, em diversas áreas, as teorias feministas que ainda não marcaram presença expressiva no seio da Museologia e dos museus.

Desse modo, a questão da invisibilidade e do silenciamento da mulher nos museus e na museologia, a partir da categoria gênero, torna-se uma questão *sine qua non* para denunciar políticas e ações que excluem e/ou distorcem as histórias e memórias de mulheres. Ainda conforme Brulon (Op. cit., p.21), “[...] diversos autores chamaram a atenção para o fato de que os museus são espaços onde [...] a produção feminina e a história das mulheres são desapreciadas ou mal representadas nas narrativas em que predominam as noções estereotipadas de masculinidade e feminilidade.” Portanto, tencionar os pontos que indicam fragilidades nos discursos e nas representações museológicas sobre a mulher é um caminho para desenvolver ações e políticas calcadas na democratização social e no direito de memória.

Enquanto reduto das musas, o *museion* da Grécia antiga já tinha como função o desenvolvimento intelectual e cultural do homem. Todavia, estava longe de ser um espaço aberto a todos os cidadãos, especialmente às mulheres. Foi somente no século XVIII, com a criação dos primeiros museus públicos na Europa é que se identifica a sua abertura à sociedade, embora tendo como sua

principal função a construção de uma identidade nacional que se distancia, seja temporal e ambientalmente, das realidades e problemas característicos do meio social em que este se materializa e se constrói.

Diante de crises sociais na contemporaneidade, o museu se vê desafiado a se reinventar e construir um *lócus* de acolhimento e suporte para as pessoas e seus problemas sociais. Muitos foram os fatores que contribuíram para essa mudança de “personalidade”, isto é, do papel do museu. Em 1972 é realizado o Colóquio Museu e Meio Ambiente e, no mesmo ano, um dos eventos mais importantes da área, a Mesa de Santiago do Chile. Trata-se de um marco referencial no campo da Museologia Social, consolidada e reconhecida pelo Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM) quando da sua criação, em 1976. Tendo como tema central “os princípios de base do museu integral” (MESA REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE, 1972), cujas ações se convergem para a vida das pessoas e aos seus problemas, a Declaração de Santiago do Chile, em 1972, centraliza a discussão para o papel social dos museus. Embora o caráter social dessas instituições já tivesse sido reconhecido há mais tempo é a partir da Declaração que ocorrem mudanças significativas. As discussões do Conselho Internacional de Museus (ICOM) colocou a importância dos museus se constituírem em espaços de resistência, voltados para os problemas e conflitos ocorridos em meio à sociedade.

Desse modo, no Encontro foram estabelecidas as bases do Museu Integral, que se propõe a ser uma instituição que atue no território e junto à população com que o museu se vincula. Assim, para que o museu se torne integral, faz-se necessário pensar em estratégias e mecanismos de ações eficazes, face às desigualdades, conflitos e crises que se formam no tecido social. Doze anos após a Mesa de Santiago, outro importante encontro foi a Declaração de Québec (1984) que “[...] daria origem ao *Movimento Internacional para uma Nova Museologia* que, a rigor, contribuiu para a produção de um divisor de águas no campo museal” (CHAGAS; GOUVEIA, 2014, p. 12).

A instituição museu se vê desafiada a se reinventar e a transformar sua função e caráter, de ambiente contemplativo a espaço de reflexão e de problematização em torno de temas conflitantes a fim de despertar a consciência crítica, incluir as diferenças e, sobretudo, fortalecer o engajamento

da sociedade nas ações museais. Essa nova tendência também se volta para a ação do museu em relação às pessoas, no sentido de convergir para o lado externo, para fora do museu, aos lugares em que se encontram as singularidades e relações das pessoas com o real, com os problemas, os signos, as coisas, enfim com as práticas sociais.

O museu, de acordo com Peter Van Mensh (1987, p. 49), é “uma realidade múltipla”, composta por diferentes culturas e identidades que se contrapõem e se complementam. Do mesmo modo, museus são locais de “fabricação do imortal”, como define Regina Abreu (1996), de objetos e artefatos que consagram personagens políticas, grupos de poder e de prestígio na sociedade. São locais, também, de luta contra a desigualdade, seja ela cultural, de gênero, social, entre outras. No Brasil, o movimento para uma Museologia do Social, participativa e comunitária emerge na década de 1990 e, desde então, adquire “[...] inusitadas formas de criação usadas pelas sociedades para gerar e processar um museu que se incorpora à vida, que integra suas ações cotidianas” (VARINE; PRIOSTI, 2007, p. 59). O social é o elemento que traz fluidez aos museus, percebido por meio das emoções, da atuação do público, da percepção das diferenças e dos problemas presentes na coletividade que se caracterizam como as principais pautas das ações museais. Isto tudo:

É o que a Nova Museologia identifica como sendo a Museologia Social, que se volta primordialmente à valorização do homem enquanto sujeito de sua própria vida, crítico e consciente de sua realidade, o que transcende, em grande escala, a valorização da cultura imaterial quando desvinculada da realidade social. (DALLA ZEN, 2014, p. 362).

Por meio de uma Museologia voltada ao social, que permite enxergar as diferenças e os problemas presentes na coletividade, os museus se convergem para a perspectiva da zona de contato, isto é:

Uma perspectiva de ‘contato’ destaca como os sujeitos são constituídos e as relações que têm uns com os outros. Ela enfatiza a co-presença, a interação, inter-relacionando entendimentos e práticas, muitas vezes dentro de relações de poder radicalmente assimétricas. (CLIFFORD, 1999, p. 5)

Todavia, não é fácil de atingir essa orientação, uma vez que os museus são constituídos por bases não isentas a confrontos e ideologias, ou seja, “de relações de poder assimétricas” (Op. Cit.), que ora ouvem e cedem às vozes

que lhe são externas e internas, ora as silenciam. Cabe salientar, no entanto, que esse novo caráter de museu e de Museologia não suprimem os modelos de gestões autoritárias, ou de discursos expositivos criados sob a ótica do androcentrismo. Por outro lado, é com o respaldo de políticas voltadas para a recuperação e valorização de memórias das pessoas comuns, esquecidas e oprimidas que tem sido possível dar conta de práticas de poder e de exclusão nos museus.

Outro ponto que merece atenção às questões relacionadas à invisibilidade da mulher nos museus trata-se do modo como as instituições entendem e definem a sua missão. É na missão do museu o lugar em que se expressa o seu sentido de existir. Partindo desse entendimento que a missão do Museu Recanto do Balseiro foi construída. No ano de 2017, a autora dessa dissertação desenvolveu e inscreveu o projeto do museu para elaboração de seu Plano Museológico no Edital Estadual, Elisabete Anderle da Federação Catarinense de Cultura – FCC, premiado em segundo lugar na categoria gestão. Como tantos outros museus do país, seja ele histórico, comunitário, etc., nem sempre é possível contratar uma equipe técnica, uma museóloga, ou museólogo, para realizar esse trabalho. Os editais de cultural têm sido os meios mais profícuos. Ao longo de 2018, a equipe responsável pela elaboração do Plano, realizou entrevistas, mapeamentos, reuniões, com parte da comunidade itaense: a família que mantém o museu, ex-balseiros, agricultoras, agricultores, professoras, professores, entre outros. Um dos entrevistados fez questão de desenvolver o seu conceito de museu que para ele refere-se à:

*[...] uma entidade que representa o passado histórico dessa região e como não tem jeito melhor esta é a realidade, vai coletando informações, objetos e história, não é? [...] se quiser fazer um apanhado de coisas de tempos atrás, tá aqui, tá tudo aqui pra ver. Isso é interessante, quanto mais argumentos a gente consegue anexar junto e trazer para esse museu, é o que vale a pena! (ORION, depoimento verbal concedido à autora em 3/3/2018).*

Por se tratar de um coletivo de pessoas envolvidas com as ações do museu, desde a sua criação, o trabalho da equipe responsável pelo Plano foi produtivo e satisfatório. À autora coube sensibilizar o olhar das mulheres e dos homens, que participaram da criação da missão do museu, para a questão da invisibilidade da mulher. Ao questioná-los sobre o papel e a importância da

mulher na história balseira, destacaram-se noções de liderança, educação e pilar, advindas, predominantemente, pelos homens. Quanto às mulheres entrevistadas, as respostas foram antagônicas, baseadas em auto desmerecimento e/ou desconhecimento do seu papel na história. A missão do museu assim ficou definida:

*Recuperar e preservar a história dos balseiros do Alto Vale do Uruguai, por meio da memória, das narrativas, dos festejos, objetos e documentos para as futuras gerações, visando o conhecimento, a transmissão e a apropriação desse ofício, bem como o **reconhecimento do papel da mulher no desenvolvimento da atividade e região** e a construção do sentimento de pertença. (PLANO MUSEOLÓGICO DO MUSEU RECANTO DO BALSEIRO/MISSÃO, acervo institucional, grifo nosso).*

O desenvolvimento do Plano Museológico foi realizado em paralelo a essa dissertação, o que tornou possível colocar em destaque a problemática da história e memória silenciosa da mulher culminando, desse modo, na inclusão do papel feminino na missão institucional, um trabalho que exigiu muito diálogo, confiança e reflexão. As discussões também foram úteis para dar início a uma nova fase do museu, que se pretende tornar inclusivo, representativo e democrático. O museu enquanto espaço de reflexão e de memória tem a missão de mostrar as facetas da história que apresenta. Nesse museu, que foi construído sob o olhar masculino, as mulheres são narradas a partir de seus múltiplos papéis, como malhar o feijão, plantar, colher, cozinhar, alimentar os filhos, o marido, os animais, costurar, lavar e passar roupa. Enfim, a elas cabe tudo o que for necessário para estabelecer condições necessárias para a sobrevivência de seu núcleo familiar, do ambiente e da cultura, independente de ser atribuição masculina ou feminina.

O *Princípio 20* da Declaração do Rio de Janeiro de 1992, da “Conferência das Nações Unidas” sobre meio ambiente e desenvolvimento, afirma que “[...] as mulheres desempenham um papel fundamental no planejamento do meio ambiente e no desenvolvimento. É, portanto, imprescindível contar com sua plena participação para conseguir o desenvolvimento sustentável” (DECLARAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 1992, p. 157). sido imprescindíveis para o desenvolvimento social e ambiental do lugar, as mulheres, participantes da pesquisa, não se viam como parte desse processo. Para elas, significa mais um dia na lida, de afazeres e de

sobrevivência diária.

Diante do aumento da violência contra a mulher, do preconceito e racismo, sobretudo com mulheres negras e indígenas, e a crescente desigualdade de classe nos países em desenvolvimento, trazer para os museus essas questões tornou-se um dever, isto é, uma responsabilidade social:

[...] tendo como premissa a ideia do museu integral proposta na mesa redonda de Santiago, o Minom tornou ainda mais evidente o processo de transição que já vinha de fato acontecendo nos museus e trouxe para a cena da museologia internacional o que foi chamado de uma ‘museologia social’, ou seja, a transição para um museu mais aberto às sociedades humanas e aos problemas sociais. (SOARES, 2015, p. 286).

Todo museu é político, é espaço de conflito e exclusão. Mesmo em “[...] dimensões da museologia que supostamente estariam mais comprometidas com as minorias políticas, mas lá também, nas comunidades periféricas, encontram-se ultraconservadores com os quais se negocia e se adere às ideias.” (BAPTISTA, 2019, p. 86). Tal é o caso no Museu Recanto do Balseiro, de base comunitária, onde a mulher, sua história e representação se confundem com a dos homens, resultando em marcas de invisibilidade. Percebe-se aí, o lado conflitante, de poder e de negociações que são intrínsecos ao espaço museal.

Desse modo, os museus quando inseridos na dinâmica da reciprocidade, ampliam e reforçam a sua função social, ao passo que, constituem formas de zonas de contato que sugerem perspectivas de inclusão nas discussões e construções do fazer museológico, sob o contexto de curadoria compartilhada/participativa, em parceria do grupo que o museu representa, ou quer representar, como o caso das mulheres no MRB. Sendo configurados em forma de pontes, linhas ou zonas, os museus, em todo caso, não fogem da complexidade expressa na construção dos discursos e ações museológicas.

Todavia, para dar conta de questões complexas é preciso realizar um trabalho de desconstrução, de colocar em discussão e reflexão o não lugar do outro, da mulher. Além disso, ‘falar de mulheres não é somente relatar os fatos em que estiveram presentes, mas reconhecer o processo histórico de exclusão de sujeitos, desconstruir a história da história feminina para reconstruí-la em bases mais reais e igualitárias’ (COLLING, 2004, p. 36). É isso que a pesquisa

coloca como o seu principal objetivo: provocar os museus e suas equipes, as e os estudantes, pesquisadoras e pesquisadores da museologia a refletirem sobre os problemas de seus trabalhos pela perspectiva do gênero a fim de identificar e compreender a construção do campo patrimonial e museal cujo contexto de seu desenvolvimento esclarece práticas de poder. É este o curso que a pesquisa toma o seu rumo para chegar ao seu horizonte de expectativas.

### **3.1 ‘O Espírito do lugar’: Patrimônio e Itinerários culturais itaenses**

O lugar enquanto espaço de relações, de diferenças e de transformação pode ser definido a partir dos modos de vida, das vivências, visões de mundo, práticas, técnicas e dos saberes que ali se constituem. Para compreender as estruturas de um lugar, mais especificamente do lugar que esta pesquisa trata, serão utilizados conceitos do campo da Geografia Cultural, sobretudo as obras de Milton Santos. Assim, um dos objetivos será o de compreender como a rede que produz, comanda e normaliza o território (SANTOS, 1996) itaense reflete nas ações e relações das comunidades com o meio ambiente. Nessa linha, segundo o autor, um mesmo lugar é ocupado, interpretado e usufruído de diferentes formas pelos grupos humanos. Quando inserido em um território, o indivíduo se mune de estratégias de sobrevivência, isto é, fabricando objetos, desenvolvendo práticas e fazendo uso do ambiente natural para nele se inserir e se estabelecer, pois são as técnicas de vida que configuram a estrutura do lugar (Op.cit., 1996).

Por meio da Geografia, em parceria com a Museologia, pode-se identificar e analisar as formas, paisagens, seres, climas, cores, cheiros, sabores, relações, práticas, grupos, costumes e crenças que compõem o território, em seu mais diverso uso, seja em sua dimensão prática ou simbólica. Outrossim, ‘[...] o território é um espaço de identidade ou pode se dizer que é um espaço de identificação. O sentimento é a sua base e a forma espacial importa muito pouco, pois esta pode ser variável’ (MEDEIROS, 2009, p. 217). O estudo da Geografia cultural nos coloca a pensar a paisagem e o indivíduo em uma relação *una*, sem a qual não é possível compreender e identificar as

expressões da materialidade do espaço construído, habitado.

**Figura 5**

**Entrada Recanto e Museu do Balseiro**



Fonte: Ana Castro

No seio das dinâmicas por meio do patrimônio cultural, podem se estabelecer relações entre o presente e o passado, compreendê-lo através da dinâmica do tempo e, nesse sentido, facilitar tomadas de decisões relativas às questões e problemas futuros. Pelas lentes do patrimônio e da paisagem, identificar-se-ão as manifestações que registram “o espírito do lugar”, uma vez que ele:

[...] oferece uma compreensão mais abrangente do caráter vivo e, ao mesmo tempo, permanente de monumentos, sítios e paisagens culturais. Supre uma visão rica, mais dinâmica e abrangente do patrimônio cultural. O espírito do lugar existe, de uma forma ou de outra em praticamente todas as culturas do mundo e é construído por seres humanos em resposta às suas necessidades sociais. As comunidades que habitam o lugar, especialmente quando se trata de sociedades tradicionais, deveriam estar intimamente associadas à proteção de sua memória, vitalidade, continuidade e espiritualidade (ICOMOS – DECLARAÇÃO DE QUEBEC, 2008, doc. eletrônico<sup>9</sup>).

A Declaração destaca que as técnicas de cada lugar se manifestam por meio de um conjunto de bens materiais e imateriais que se revela a um só

---

<sup>9</sup> Disponível em: [https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA16\\_Quebec\\_Declaration\\_Final\\_PT.pdf](https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf)

tempo, como “[...] produto e vetor de relações sociais” (MENESES, 1983, p. 112). No caso de Itá, o lugar em que o Museu do Balseiro se situa é composto por diferentes elementos da cultura do colonizador, identificados na arquitetura, culinária, no plantio, nos objetos, no tempo de trabalho e de lazer, nas crenças, nos gestos e cantos. Por meio dos objetos desse museu, as pessoas se identificam, se transportam para outros tempos e fazem relações com os modos atuais de vida, tal como Marli nos apresenta:

*“[...] a gente vê crianças novas, não sabem o que é um arado. Eu acho que para a nossa história, é muito bom o museu resgatar essas coisas que tinham. É muito interessante esse resgate, mostrando como era a vida.”* (Depoimento verbal concedido à autora em setembro de 2019).

Para ela é importante transmitir aos jovens como ‘os antigos’ viviam, trabalhavam e, para que deste modo, compreendam os desafios de outrora e as transformações que ocorreram de um tempo para o outro, diante dos avanços tecnológicos que cedem lugar a novas formas de produção, de consumo e estilo de vida. Nesse sentido, objetos como o arado tornaram-se obsoletos por um lado, mas, por outro, os traços inerentes a materialidade intrínseca e extrínseca ao objeto, convertem-se em referências culturais para o grupo social que lhe pertence.

Dentre os temas atuais no campo do patrimônio cultural estão as políticas públicas voltadas à sua preservação que, nas últimas décadas, têm proporcionado a realização de diversas ações voltadas à valorização e preservação do patrimônio cultural de populações que durante o transcorrer dos séculos permaneceram “soterrados” por valores associados à cultura dominante e das elites, da modernidade e do consumismo capitalista. Na política cultural representada pela preocupação com as tradições populares no Brasil, retomada pelo Decreto 3551.2000 do IPHAN, a cultura popular recebe uma atenção tecnicamente mais apropriada à sua natureza, com a realização de projetos que objetivam a recuperação de memórias e a valorização cultural.

Tal como as práticas e manifestações da cultura popular, os bens arquitetônicos carregam sentidos e valores para um determinado grupo, sendo estes traços, elegíveis e reconhecidos por seu forte apelo histórico. São elementos que se constituem como os pilares, as marcas e as características que formam a identidade de um povo, isto é, o sentido de coletividade e de um

*continuum*, historicamente forjadas. Em Itá, a invenção de uma continuidade histórica está na preservação das torres submersas, na Pedra Fundamental, símbolo da origem e desenvolvimento da nova cidade (figura 6), bem como na realocação das casas dos primeiros colonizadores que foram transformadas em museus. Disso resulta numa história local, e suportes da memória coletiva construídos no novo território, artificiais. Segundo Hobsbawm (1987, p. 22), toda tradição inventada “[...] utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal.” Portanto, são símbolos de uma identidade criada para representar a nova história itaense e servir como base aos discursos políticos de ordem nacionalista.

**Figura 6**  
**Pedra Fundamental**



Fonte: Leandro Silveira

Em 13 de dezembro de 1981, data em que Itá comemora seu aniversário Político-Administrativo foi implantado nas novas terras o Marco Inicial da construção da nova cidade. A madeira que utilizada é o sassafrás, que representa o ciclo dos balseiros, as cores representam a Bandeira do Estado, povo que sofreu, mas foi reconhecido pelo Estado. A pedra possui um “furo” no centro onde ali foram colocadas cartas feitas pelos próprios moradores com depoimentos, lembranças e pedidos, onde no aniversário do município seriam abertas e lidas. Porém, ocorreu infiltração devido à exposição, onde esse material foi danificado. (Doc.eletr. PREFEITURA DE ITÁ: <http://ita.sc.gov.br/atrativos/27-praa-central>. Acesso em fevereiro de 2018).

A pedra fundamental faz parte o Marco Inicial da construção da nova cidade, implantado em 13 de dezembro de 1981, apresenta um orifício em que foram inseridas cartas dos moradores, com depoimentos, lembranças e pedidos. Embora tenha sido planejada a sua abertura no dia da inauguração, esses documentos foram danificados pela infiltração de água<sup>10</sup>. A sua base de sustentação é feita em sassafrás, madeira que representa o ciclo dos balseiros, decorada com as cores da bandeira de Santa Catarina. Um dos usos do território itaense pode ser percebido por meio do turismo, um fenômeno que vem sendo cada vez mais praticado, ressignificado e problematizado. Promovidas por belas imagens e um intensivo trabalho midiático, as torres são um dos principais chamarizes do turismo itaense. Para promover o desenvolvimento da nova cidade, a Prefeitura Municipal elegeu o turismo como o seu elemento mais importante na economia da região.

**Figura 7**  
**Torres de Itá**



Fonte: <http://ita.sc.gov.br/noticias/1/697-prefeitura-conclui-restauracao-das-torres-da-igreja-submersa>

---

<sup>10</sup> Conforme site da Prefeitura de Itá. Disponível em: <http://ita.sc.gov.br/atrativos/27-praa-central>. Acesso em fevereiro de 2019.

Altir Goedert, atual secretário de turismo do Município, destaca que:

O lago é nosso principal atrativo, temos também o Parque Thermal que tem características próprias, as Torres da Igreja que são um cartão postal e vamos trabalhar com a questão histórica, ou seja, temos vários pontos para explorar e atrair mais turistas, e não podemos esquecer-nos da nossa população, que também é um diferencial positivo. (PREFEITURA DE ITÁ, 2017<sup>11</sup>)

**Figura 8**  
**Parque e Resort Itá**



Fonte: <https://aquaparqueitathermas.com.br/parque>

Todavia, o uso do território, muitas vezes, de forma desmedida, possibilitando, ou não, a valorização do lugar, por meio dos equipamentos de lazer e culturais que são oferecidos. Para Fratucci (2000, p.122):

O turismo manifesta-se através de diversas formas, modalidades e escalas dentro de um mesmo território. Está subordinado tanto às ações da iniciativa privada quanto do Estado e até mesmo das pequenas comunidades organizadas; todo esse movimento ocorrendo de forma sincrônica num mesmo estado, região ou país. Sua velocidade de reprodução está acima da maioria das atividades humanas, não respeitando fronteiras ou limites territoriais, alimentando-se, quase sem escrúpulos, dos mais variados setores do conhecimento humano, especialmente daqueles ligados aos avanços tecnológicos e informacionais.

<sup>11</sup> Doc. Eletrônico. Disponível em: <http://ita.sc.gov.br/noticias/144/427-altir-goedert-assume-secretaria-de-turismo>. Acesso em 22 de abril de 2018.

A perspectiva de crescimento econômico por meio do turismo foi consolidada pela Secretaria de Turismo e as empresas turísticas Itá Eco e Eco&Eco, que firmaram projeto que se propõe a tornar a região o maior polo turístico do Estado de Santa Catarina até o ano de 2025:

O município de Itá vem semeando para colher em breve grandes oportunidades. Assim podemos descrever o amplo trabalho que vem sendo realizado pelo GETTUR - Grupo de Estudos e Trabalhos Turísticos de Itá. O Itá Eco Turismo é um dos grandes parceiros do GETTUR na busca de um objetivo macro, transformar a cidade de Itá como destino preferido do Interior de Santa Catarina, até 2025 (ITÁ ECO TURISMO, 2017)<sup>12</sup>.

Para alcançar esse objetivo, novos equipamentos têm sido criados, como tirolesas, um bonde funicular, que liga a parte central da cidade às principais rotas turísticas, sem contar as rotas rurais que oferecem a degustação de pratos e bebidas típicas, além de uma imersão nos modos de vida rurais e o contato com a natureza. Contudo, a massiva circulação de pessoas nesses espaços requer a implantação de ações e políticas voltadas à preservação do meio ambiente e o direito à privacidade dos moradores locais.

No site da Secretaria de Turismo, são apresentadas diferentes alternativas para os turistas<sup>13</sup>, como roteiros aquáticos, de aventura, de arvorismo, ecoparques, rural e, no campo do que interessa a este trabalho, um Roteiro Cultural. Tratam-se de atividades comuns a diversos outros programas de turismo dispersos pelo planeta, e que poderiam fazer parte de ofertas de outras centenas de cidades. Mas nenhuma delas pode ser considerada como algo próprio, particular e pertencente à cidade de Itá.

Especificamente no Roteiro Cultural, cujo slogan é “para reviver o passado”, foram omitidos diversos pontos de interesse cultural do Município, como é o caso do Museu do Balseiro, localizado no Recanto do Balseiro, marco histórico por ter sido um dos principais acessos ao rio Uruguai, utilizado para o transporte das toras de madeira. Desse modo, percebe-se que a Secretaria de Turismo coloca a Instituição num patamar distante daqueles veiculados no meio midiático, como referência do patrimônio cultural do

---

<sup>12</sup> Doc.Eletrônico. Disponível em: <http://www.itaecoturismo.com.br/informativos/17-ita-eco-integra-gettur-para-alavancar-turismo-em-ita>). Acesso em junho 2017.

<sup>13</sup> Disponível em: <http://ita.sc.gov.br/turismo>. Acesso em fev. 2019.

Município. A administração atual até então não manifestou interesse em ouvir a direção do Museu ou outras pessoas representativas da comunidade para a construção da memória do lugar. As torres e os demais pontos de interesse elencados pela Secretaria são escolhidos na perspectiva de um tipo de turismo que visa às necessidades do mercado, o lucro e fortalecimento da economia local.

Por outro lado, em Itá, o turismo rural é também bastante praticada e contribuí com a economia local. Muitas são as opções de lazer nas zonas rurais da cidade que oferecem desde produtos orgânicos até caminhadas ao ar livre:

[...] o turismo rural tem mercantilizado o espaço rural, possibilitando o desenvolvimento de “hobbies”, mas também tem recriado identidades familiares e comunitárias. Não podemos esquecer que o turismo adoptou e adopta as formas sociais de cada época e sociedade. Também é certo que o turismo rural tem sido produtor e não só produto, tendo um papel importante no desenvolvimento local. (PÉREZ, 2009, p. 257).

O turismo, por si só, é uma atividade que exige certo cuidado, por se voltar ao lucro, apesar de o discurso da sustentabilidade ser fundamental para a construção de sua base. Embora o turismo possa se constituir numa atividade voltada à promoção do desenvolvimento local, Varine (2012, p.19) ressalta que “[...] todo território determinado sem o respeito por seus componentes patrimoniais não poderá servir de base para um desenvolvimento local equilibrado e sustentável”. Ou seja, no caso de Itá, ainda que o turismo tenha se transformado na atividade econômica local mais importante, seus habitantes, entendidos pelo autor como seus componentes patrimoniais, não foram ouvidos, nem incluídos. O turismo em Itá inflama um discurso excludente, que coloca apenas o outro, o turista, como o principal fator do desenvolvimento do lugar.

Ao analisar a relação entre patrimônio cultural e turismo, Benhamou alerta que, ao invés de multiplicador, o turismo pode ser tão só uma armadilha, já que seus efeitos sobre a economia são ambivalentes, ao provocar “[...] uma atração por atividades eventualmente menos produtivas e socialmente menos úteis do que outras” (BENHAMOU, 2016, p.85). Portanto, o seu impacto econômico através do turismo cultural deve ser repensado. Trata-se, pois, segundo a autora, de um discurso sedutor, que pode se constituir num artifício.

Um importante documento lançado pela Organização das Nações Unidas (ONU)<sup>14</sup>, em 2015, *Agenda de 2030* é um norteador para se alcançar o desenvolvimento sustentável do planeta, sem pobreza, guerra, desigualdades sociais, de gênero, a partir de um plano de medidas protetivas ao meio ambiente, à valorização da cultura, do patrimônio. Em um de seus eixos, a Agenda destaca a meta de [...] elaborar e implementar políticas para promover o turismo sustentável, que gera empregos e promove a cultura e os produtos locais (p.27). Ainda, em seu objetivo 11.4 ressalta que é preciso “[...] fortalecer esforços para proteger e salvaguardar o patrimônio cultural e natural do mundo.” Já no objetivo 12.b “[...] desenvolver e implementar ferramentas para monitorar os impactos do desenvolvimento sustentável para o turismo sustentável, que gera empregos, promove a cultura e os produtos locais” (p.32). Trata-se de um conjunto de perspectivas que precisam ser tomadas como urgentes e indispensáveis para o equilíbrio do planeta, a proteção do meio ambiente, do patrimônio cultural, baseados nas “três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental” (p.1). No entanto, as ações de agentes locais devem estar conexas aos pensamentos, diálogos e aos objetivos de desenvolvimento sustentável constituídos de forma democrática.

Museus são também vias de acesso para o desenvolvimento sustentável, onde o patrimônio cultural está presente em todas as suas dimensões. Neles, os sons, as luzes, as cores e as narrativas, irradiam as mais variadas formas de sentimento e interpretação sobre as pessoas. Esses lugares em que se forjam cenários de vida permitem reconstruir histórias, promover patrimônios, despertar a consciência crítica e incluir as diferenças e minorias sociais. A sede por memória, por ter um espaço de representação, ação e de lutas sociais, tem despertado as histórias de grupos que, por vezes, foram invisibilizadas, excluídas e fragmentadas pela sociedade.

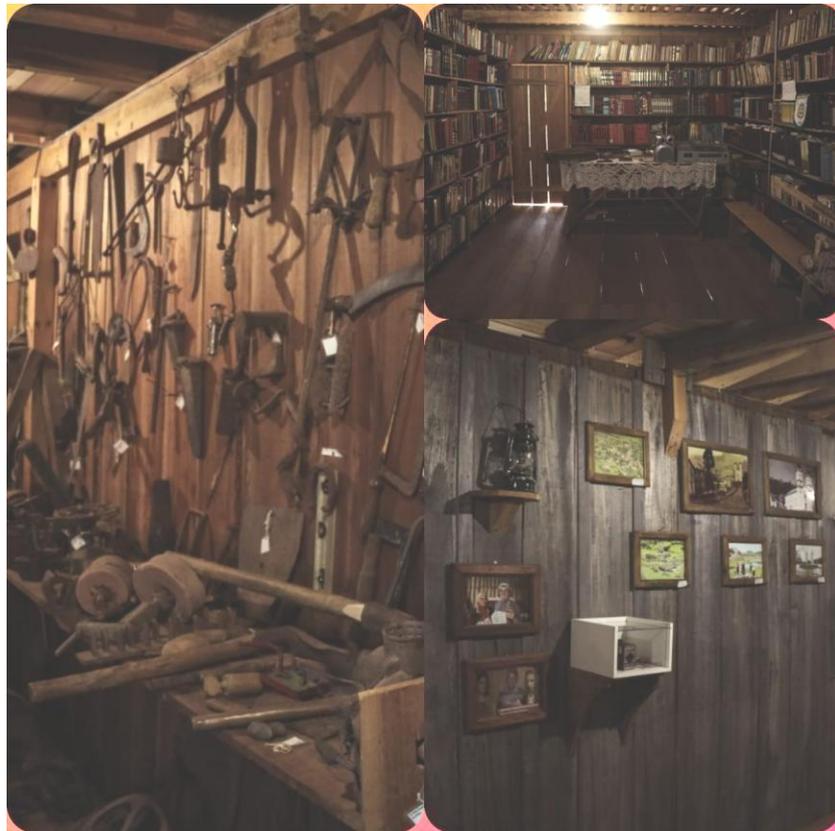
Com esta perspectiva, o agricultor e turismólogo Nilo Brand criou em 2013 o Museu Recanto do Balseiro que tem se empenhando em recuperar os

---

<sup>14</sup> Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Traduzido pelo Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio), última edição em 13 de outubro de 2015. <https://sustainabledevelopment.un.org>. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2015/10/agenda2030-pt-br.pdf>. Acesso em julho de 2020.

saberes e fazeres dos balseiros, que atravessam o rio Uruguai, numa casa, cuja arquitetura faz referência aos primeiros migrantes alemães, como a de seu bisavô, um dos maiores exportadores de madeira da região. Assim, o culto ao passado, a possibilidade de aguçar as memórias daqueles que viveram na antiga cidade e vivenciaram outro tempo, em especial a figura dos balseiros e o ciclo da madeira, se transformaram em semióforos que, na perspectiva de Pomian (1984, p. 71) são “[...] objetos que não têm utilidade, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível são dotados de um significado; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura.”

**Figura 9**  
**Salas do museu**



Fonte: Quemili Brand

Igualmente, as *museália*, objetos de museus, substituíram suas funções, características e usos originais, em dispositivos de interpretação cultural e de reconstrução de histórias e memórias. Desde então, o Museu Recanto do Balseiro exerce na nova Itá a importante função social de transmitir o ofício para as novas gerações, para que reflitam sobre o tempo presente,

compreendam o passado e se apropriem da história e memória coletiva.

A pequena propriedade da família Brand, denominada Recanto do Balseiro, tornou-se uma referência na região como um destino turístico e cultural, principalmente, depois do Museu ter sido contemplado pelo Edital de cultura Elisabete Anderle, em 2017, oportunizando a elaboração do seu Plano Museológico. O Recanto é um espaço híbrido em que a cultura, o lazer e a memória se imbricam e refletem os modos de ser de homens e mulheres do campo. As casas dos balseiros, bem como as dos primeiros colonizadores, foram construídas com madeiras de lei da região que hoje representam um dos símbolos de criação e ascensão econômica da cidade. Embora o árduo trabalho tenha ficado com os balseiros-peões, são os patrões que a história oficial quer lembrar. No entanto, por ser um ofício predominantemente masculino, o balseiro carrega certo reconhecimento, tendo recebido em 2017 uma moção de aplauso, pela deputada estadual Luciane Carminatti, concedida pela Assembleia Legislativa catarinense, como forma de reconhecimento da história e do ofício dos balseiros para o desenvolvimento da região<sup>15</sup>.

**Figura 10**

**Encontro dos Desbravadores de 2017**



Fonte: Acervo pessoal da autora

---

<sup>15</sup> Para mais informações acesse: <http://lucianecarminatti.com.br/em-ita-deputada-luciane-presta-homenagem-aos-balseiros-do-oeste>

A partir do processo de colonização, do aparecimento do ofício de balseiro e da reterritorialização, a cidade de Itá passou por diferentes formas, normatizações, modificações que se traduzem nas relações, experiências de vida, na identificação e no pertencimento que cada indivíduo ou grupo construiu com o lugar ao longo do tempo. Pode-se observar que os componentes histórico-culturais da cidade são utilizados de modos diferentes pelo município e por iniciativas privadas, tal como o Museu. No primeiro caso, o turismo não se desenvolve numa perspectiva de preservação e de desenvolvimento sustentável do território, e sim na mercantilização dos espaços, equipamentos e patrimônios como meios para atrair pessoas e fomentar o uso do lugar, mais especificamente, dos resorts e águas termais que se localizam no entorno do lago formado pela Usina.

De encontro com as ações do município, as iniciativas privadas que transformam os lugares e patrimônios em itinerários turísticos, como o Recanto do Balseiro, se diferenciam a partir da valorização e promoção de histórias e da recuperação de memórias de homens e mulheres. Evidentemente, os lugares, os museus e as práticas sociais não estão isentos às manifestações de poder, isto é, mesmo que uma ação de seleção dos recursos turísticos seja desenvolvida numa perspectiva do desenvolvimento sustentável, ela, certamente, passará por negociações, conflitos e imposições.

Assim, com base na valorização do patrimônio cultural e paisagístico, e, sobretudo, no interesse da população, o turismo pode ser vislumbrado como um meio de se alcançar o desenvolvimento sustentável do lugar. Numa realidade em que não há abertura para a população participar do processo de definição do turismo que se quer, a atividade se manterá tão só e exclusivamente na dimensão do lucro para poucos.

As experiências museais e o desejo pela memória entre os moradores de Itá estão em sintonia com os fundamentos da Nova Museologia, de valorização do ser humano, de suas histórias de vida e de seu território, que, devidamente sincronizados com a ação escolar, se tornam estratégias importantes para uma educação humanizadora. A tríade Museu, Museologia e Patrimônio, se construída por meio da transversalidade entre cultura, história e memória indica um rumo humanista e inclusivo para a educação das novas gerações.

### 3.2 A mulher e a memória no Recanto do Balseiro

*Essas mulheres trabalhavam com o  
ancinho, com a enxada, torciam o  
pescoço das galinhas. Arrancavam ervas  
daninhas, reviraram o solo, plantavam  
com os dedos grossos como cabos de  
vassoura. Sabiam ordenhar, fazer a  
parição de animais, tosar carneiros, fiar,  
tecer, abater porcos. Sua história inteira  
estava  
nos antebraços.*

*Clarissa Pinkola Estés<sup>16</sup>*

O trecho acima descreve, de maneira autêntica, o mundo particular de mulheres que deram vida a essa dissertação: trabalhadoras, mães, filhas, esposas, que conservam suas experiências e vivências nas histórias de família, na lida da roça, nos objetos da casa, nos sabores e aromas das receitas. À autora confiaram suas histórias, narradas em dois fins de tarde regados a chimarrão e bolachas natalinas feitas pela Ísis, anfitriã do local onde ocorreram as rodas de conversa. Instigadas a recordarem e reelaborarem as lembranças da infância à fase adulta e provocadas a se perceberem enquanto sujeitos da história social, econômica e cultural de Itá, suas vozes, gestos e corpos foram sendo despertados. Memórias impressas em suas mãos e em seus antebraços, dos tempos difíceis, tristes e alegres, levaram-nas a revisitarem diferentes fases de suas vidas.

Por meio da Museologia social e da Memória, o capítulo visa fomentar discussões sobre a (in)visibilidade da mulher no Museu Recanto do Balseiro e, igualmente, nas falas e recordações das participantes da pesquisa. Ísis, Hera, Marli, Ivanir, Marisa, Romilda, Quemili, Deméter e Maria<sup>17</sup>, que formam o coletivo de mulheres que representam o dever de memória àquelas que foram esquecidas (ou excluídas) da história oficial, da cidade e do museu. Trata-se, desse modo, de um esforço para se chegar a “tomada de consciência de si mesmo” (CANDAU, 2011, p. 66), enquanto agentes e partícipes da

<sup>16</sup> Escritora indiana, psicóloga junguiana e poeta. Autora do clássico livro *Mulheres que correm com os lobos* (1992).

<sup>17</sup> Por opção de duas das entrevistadas, os nomes Ísis, Hera e Deméter são fictícios.

constituição de uma das faces da atividade madeireira e do desenvolvimento rural.

Convidadas a participar de uma roda de memória, as mulheres se viram em um difícil processo de reaproximação com o passado e, sobretudo, consigo mesmas. Difícil, pois, elas nunca haviam sido convidadas a falar sobre suas vidas, seus mundos particulares, o que transformou o exercício num desafio. Afinal, que importa suas histórias em meio a tantas outras, em meio as dos homens balseiros da família, os *célebres personagens* da era extrativista, responsáveis pelo desenvolvimento econômico da cidade? Nesse sentido, a dificuldade de se colocarem como partícipes da construção da história do lugar, somado às reminiscências do período em que eram mais jovens, traduzem-se em lembranças flutuantes, nebulosas.

Para Éclea Bosi (1995, p.23) “[...] há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar”. Podemos assim dizer que, a pessoa idosa é a guardiã do passado, isto é, de sua história sobre um lugar e seus contrastes, um ofício e, portanto, transmissora de conhecimento. Tal como um museu, a memória de uma pessoa idosa tem uma função social: mediar o conhecimento sobre o passado. Se, por um lado, o museu se apoia em objetos para aproximar as pessoas do seu patrimônio, o idoso/a idosa se vale de suas vivências e de suas relações com as pessoas para se reconectar com o passado, reconstruir a memória e contar histórias. Amparando-se no conceito de desraizamento cunhado pela filósofa Simone Weil (1943), Bosi (1994) problematiza a relação entre a construção do lugar, sua história, com a memória dos idosos, sendo esta última um elemento fundamental para realizar o trabalho de reconstrução, uma vez que:

Eles [os idosos] estariam recuperando a dimensão humana do espaço que é um problema político dos mais urgentes. A sobrevivência de um grupo se liga estreitamente a morfologia da cidade e essa ligação se desarticula quando a especulação urbana causa um grau intolerável de desenraizamento. (BOSI, 2012, p. 199).

Fotografias, mobílias e indumentárias formam uma parcela do acervo do Museu escolhido para contar uma história sobre a *mulher do balseiro*, desta

forma identificada pela instituição. Independente do estado civil<sup>18</sup>, a mulher referenciada pelo museu tem algo a dizer. Sua identidade não se resume às relações familiares ou amorosas, portanto, há de se questionar: quem e o quê o museu quer recordar ou esquecer? Memória e identidade são indissociáveis, isto é, o processo de construção da primeira depende da segunda para existir, sem memória não há identidade e vice versa. As recordações reveladas pelas participantes da pesquisa carregam, até certo ponto, semelhanças que, de maneira geral, correspondem à uma memória coletiva, compartilhada e que serve para reforçar a identidade do grupo. No entanto, cada história e experiência de vida são singulares, isto é, se a intenção for dar voz e espaço de escuta às mulheres que o museu quer representar, não se pode desconsiderar o que cada pessoa pode e escolhe dizer sobre si mesma, ao eleger ou ocultar discursos que se tornarão uma perspectiva do próprio eu.

No período das travessias pelo rio Uruguai, os homens partiam sem as famílias, sem data para retornar. Como era deles o papel principal de “chefe de família”, isto é, a responsabilidade de cobrir as despesas do lar, a administração e a subsistência familiar, nesse contexto, as mulheres tornavam-se lideranças, embora não fossem dessa forma reconhecidas. Suas longas jornadas diárias na lavoura, na plantação, colheita, manutenção da casa, criação dos filhos, ordenha e em demais trabalhos, como lavar, passar roupa e costurar, compuseram quadros da memória cotidiana até então silenciosa, seja pelas próprias partícipes, pelos familiares ou pelas esferas culturais, sociais que suprimem suas narrativas.

Para as mulheres, a falta de prática do exercício de recordação e narração sobre aquele período, se dá, por um lado, pela pouco contato que tinham com outras pessoas, próprio da vida na roça, regando a comunicação e a troca de experiências. Entretanto, o reencontro com o passado, com pessoas que vivenciaram o mesmo processo, o cruzamento de histórias em comum, ou

---

<sup>18</sup> A Constituição Federal e o Código Civil até 1930 não reconhecia a mulher como cidadã. O direito ao voto, divórcio eram privados às pessoas do sexo masculino. Foi somente a partir da Constituição de 1988, “que os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher (art. 226, parágrafo 5o ), acabando com a posição superior e de chefia, atribuída legalmente ao homem na sociedade conjugal” (RODRIGUES; RAMALHO 2006, p.16). Legislação sobre os Direitos das Mulheres In: **Os direitos das mulheres na legislação brasileira pós-constituente** / Centro Feminista de Estudos e Assessoria (Cfemea), Almira Rodrigues (Org.), Iáris Cortês (Org.) -- Brasília: LetrasLivres, 2006.

seja, pela memória coletiva, permitiu a reconfiguração das lembranças, práticas e imagens antes distantes ou apagadas, que passam a ganhar forma e sentido.

Segundo Halbwachs (2006, p. 69):

[...] se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupa e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes.

Essa mudança de olhar apontada pelo autor pode ser considerada como as diferentes incorporações que as novas gerações tendem a inserir na estrutura social de um grupo, e, dessa forma, passam a constituir novos elementos, compondo-os às memórias do coletivo. Desde que aguçada entre os pares que fazem parte de um mesmo meio, a memória terá papel fundamental para o processo de (re) elaboração das ações cotidianas. Ainda, de acordo com o autor (Op. cit., p. 107):

[...] a história se interessa principalmente pelas diferenças, e abstrai as semelhanças sem as quais, contudo, não haveria nenhuma memória, pois nós só nos lembramos de fatos que têm por traço comum pertencer a uma mesma consciência, o que lhe permite ligar uns aos outros, como variações sobre um ou alguns temas. Somente assim ela consegue nos proporcionar uma visão abreviada do passado, juntando em um instante, simbolizando em algumas mudanças bruscas, em alguns avanços dos povos e dos indivíduos, lentas evoluções coletivas. É assim que ela nos apresenta sua imagem única e total.

Isto é, a minha memória em contato com a memória do outro, se este faz parte do meu grupo social, somado a lembrança da cena em que a história ocorreu, o lugar, os objetos e, inclusive, os sentimentos gerados na ocasião, são elementos fundamentais para recuperar um acontecimento do passado. Portanto, o lugar em que se criam raízes, reflete o modo de ser, conceber e reproduzir a vida de um grupo, e é nesse chão que os costumes e os objetos da vida cotidiana fortalecem a memória coletiva.

A fonte oral é um procedimento indispensável para interpretar os saberes, fazeres e formas de transmissão do conhecimento popular, isto é, aquele destituído de teorias e análises científicas. O registro das práticas e dos saberes de grupos da cultura dita popular tornou-se possível, por um lado, pelas

políticas públicas voltadas à sua preservação que, nas últimas décadas, têm proporcionado a realização de diversas ações de valorização de populações como os caboclos, caboclas, índias, índios, mulheres, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, idosas, idosos e imigrantes, por exemplo. Na política cultural representada pela preocupação com as tradições populares no Brasil, retomada pelo Decreto 3551.2000 do IPHAN, a cultura popular recebe uma atenção tecnicamente mais apropriada à sua natureza, com a realização de projetos e ações de educação para o patrimônio cultural. Este modelo de política materializou-se inclusive no oeste catarinense, como no caso do Museu Recanto do Balseiro.

De acordo com Perrot (1989), a metodologia, por sua vez, é a melhor, senão a única, a ser utilizada para o estudo das mulheres, uma vez que elas deixam poucos vestígios materiais. A autora destaca que a popularização da história oral se caracteriza como uma revanche contra os “[...] grandes homens que se inserem na história oficial [...]”, uma vez que ela tornou possível “[...] dar a palavra aos deserdados, aos povos sem história, à gente comum” (PERROT, 1989, p. 16). A estimativa de vida das mulheres é um fator relevante nesse processo, pois as mulheres têm alcançado um período de vida maior que os homens e, nesse sentido, constituem-se enquanto testemunhas das histórias, dos acontecimentos e lugares em que vivem, uma vez que, “[...] na rememoração, as mulheres são em suma os porta-vozes da vida privada” (Op.cit., p.17). Essa afirmativa se apresenta claramente nas narrativas das mulheres itaenses, enquanto às dos homens, se ligam às memórias do trabalho com a madeira, das viagens e da figura paterna.

A história oral é um método bastante utilizado em abordagens isentas de registros ou documentos, como testemunhos da existência de grupos sociais e povos sem escrita. De acordo com Joutard (2006), o interesse nos estudos sobre a história das mulheres, em suas diferentes dimensões: cotidiano, trabalho, lar, entre outras, emerge na década de 1970, momento em que o seu reconhecimento alcança demais países. Ao definir a metodologia da história oral, Lozano assim a descreve:

[...] um espaço de contato e influência interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais. Para isso, conta com

métodos e técnicas precisas, em que a constituição de fontes e arquivos orais desempenha um papel importante. Dessa forma, a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e versão que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais (LOZANO, 2006, p.16).

Tão difícil quanto interpretar qualitativamente os “processos histórico-sociais” é o trabalho de negociação e, sobretudo, desenvolver laços de confiança entre pesquisador(a) e participante. O que tornou mais fácil essa relação foi à aproximação anteriormente estabelecida com algumas mulheres e homens (ex-balseiros) a partir de trabalhos realizados na instituição, como as entrevistas para o desenvolvimento do histórico e da missão do museu.

Em *Práticas da Memória Feminina*, Michelle Perrot (1989) apresenta os diferentes contextos em que a memória feminina é construída, como no espaço privado. Sendo este o âmbito de maior acesso de muitas mulheres, ele se constitui como lócus do “teatro da memória” em que as lembranças são projetadas à infância, aos trabalhos manuais, passados de mãe para filha. Na imagem 8, a maquete de uma *típica cozinha de balseiro*, assim identificada pelo museu, inclui ferramentas de trabalho e de uso doméstico, tais como: serrote, machado, foice, marreta, escada, cuia, chaleira, panelas, corrente, pele de onça, casa de João de barro, gaita, cadeira de balanço, entre outros, isto é, o âmago do lar.

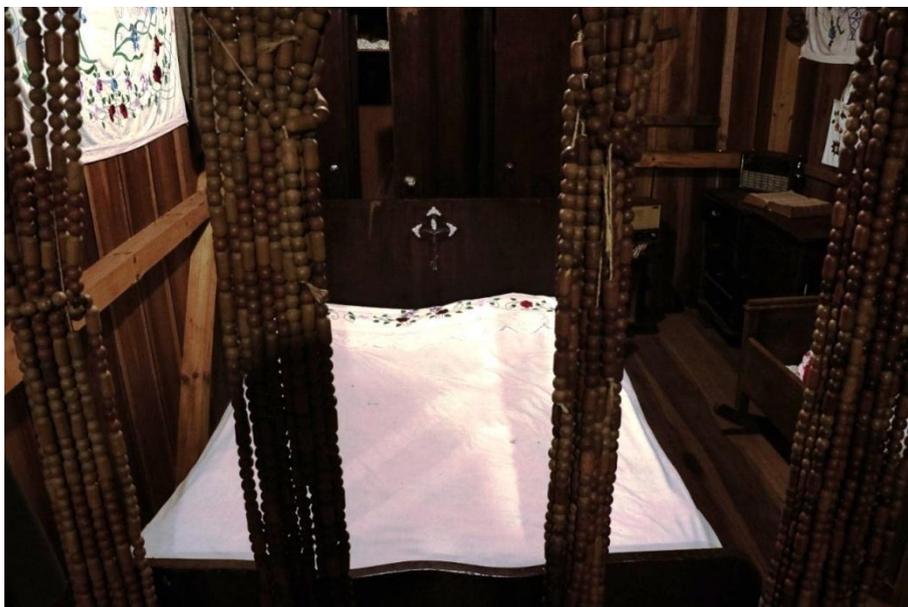
**Figura 11**  
**Maquete da cozinha de balseiros**



Fonte: Ana Castro, 2017.

A cozinha é um espaço do “domínio feminino” (CARVALHO, 2008), local onde, a mulher passa horas do seu dia trabalhando. Contudo, apesar de ser um local em que o gênero feminino se destaca, a cozinha das casas de famílias teuto-brasileiras é compartilhada, como destaca Woortmann (2015, p. 270), “[...] é nela que pela manhã e no final da tarde o casal toma chimarrão, discute e toma decisões posteriormente tornadas públicas pelo pater familias; é nela, também, que a família como um todo faz as refeições e realiza pequenas atividades à noite”. Sendo um espaço onde a presença masculina também se faz presente, na imagem (figura 11) acima podemos identificar objetos que demarcam o universo masculino, sem “efeitos de camuflagem”, ou “marcas femininas” (Op. cit., p. 71), tal como no material escolhido para a fabricação da maquete: a madeira; por sua robustez, pelo aspecto rústico – elementos que são associados à masculinidade – e, especialmente, por fazer referência às balsas e ao ofício do balseiro.

**Figura 12**  
**Quarto de dormir**



Fonte: Djoni Alves, 2019.

Na figura representada pelo quarto de dormir, um local íntimo, de resguardo e descanso do casal e também dos filhos, pode-se observar alguns elementos para além dos móveis rústicos, que se caracterizam por sua

“natureza feminina” (Op. cit., p. 88), como o bordado, presente nas roupas de cama, de vestir, em trajes de batismo (que era utilizado por todas as crianças da família) e em quadros (figura 13 e 14), como é o caso do tecido pendurado na parede, ao lado da cama, (à esquerda) que servia como uma forma de identificar os espaços da casa e do “quadro-tecido” pendurado acima da cômoda (no quadrante superior à direita da imagem).

**Figura 13**

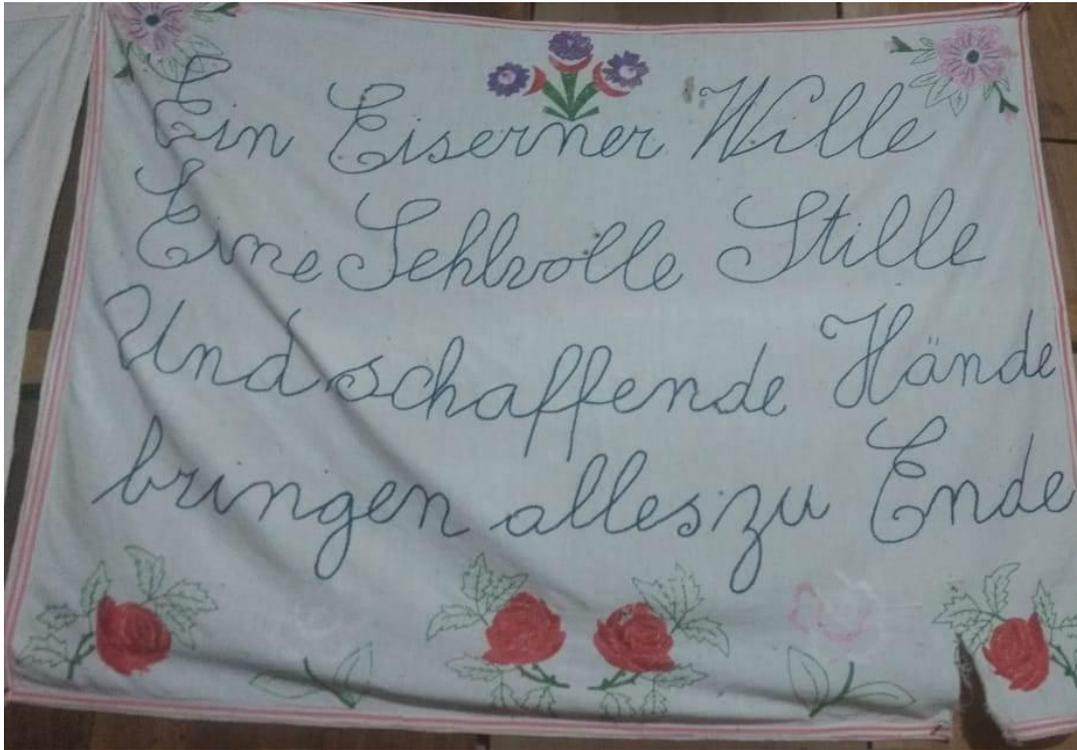
**Quadro bordado Louvado Seja o Senhor**



Fonte: Quemili Brand

No quadro acima (figura 12), a inscrição feita com o bordado servia para indicar o espaço da casa, se era o quarto, a sala ou cozinha. O quarto era como um santuário da casa. Neste ambiente estão presentes diferentes símbolos religiosos. É nele que a família fazia sua oração da manhã, ao acordar, e da noite, ao se preparar para dormir.

**Figura 14**  
**Bordado de casamento**



Fonte: Quemili Brand

O bordado é um símbolo da presença feminina no espaço privado. No segundo quadro, bordado pela matriarca da família Brand, em 1926, (figura 14), há uma frase em alemão cuja tradução significa: "Uma vontade de ferro; Um belo silêncio; E mãos habilidosas; Conseguem tudo<sup>19</sup>". Esta frase nos permite refletir sobre diferentes aspectos que se colocam em questões de gênero. Ser incansável, não ter preguiça para trabalhar, nem medo de trabalho pesado, não discutir, não ser subversiva, ter conhecimento de trabalhos manuais ditos femininos são vistos como atributos de uma mulher digna de um bom casamento, sendo este estado colocado pela sociedade como um ideal de vida. De modo mais atual, pode-se dizer que esta mulher é semelhante ao que corresponde por "bela, recatada e do lar", (LINHARES, 2016)<sup>20</sup> uma concepção que a coloca em profundo "*confinamento* simbólico" (BOURDIEU, 2002), isto é, o estabelecimento de regras, claramente machistas, criadas para

<sup>19</sup> Tradução: Paulo Nunes

<sup>20</sup> Saiba mais em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>

definir, delimitar e manter a ordem, os modos de se vestir, falar, movimentar, usar o corpo, enfim, de como se portar frente à sociedade.

Em outros momentos da conversa, o quesito trabalho foi levantado com frequência nas histórias contadas pelas mulheres. As atividades que exigem força sempre fizeram parte do cotidiano da mulher rural, independentemente de existir, ou não, uma figura masculina no ambiente familiar e de trabalho. A importância dada a esse setor, como se pode verificar nos relatos, está para além do ganho monetário, significa, sobretudo, estar preparada para “se virar na vida”, isto é, saber lidar com qualquer situação ou necessidade que a pessoa (seja ela criança, jovem ou adulta) e a família possam enfrentar. Orgulhosa do modo como os seus filhos foram criados, Ísis nos relata um período importante de sua vida como mãe. A forma de executar os serviços de casa, de como cuidar da roupa, dos animais ou da comida, afazeres que recaem sobre a mulher, é, nesse sentido, para essas pessoas, uma forma de adquirir responsabilidade:

**Pesquisadora:** *Você pode nos contar sobre as atividades que as mulheres eram responsáveis naquela época? Você disse que a sua mãe lavava roupa para fora e que as crianças também trabalhavam, não é!? Você fazia o quê?*

**Ísis:** *Eu tinha 8 anos e já ia na sanga lavar roupa. Com 7, 8 anos os meus filhos já me ajudavam. Eles tiravam o leite da vaca e lavavam roupa, louça, passavam paninho. Eu ensinava, dizia como tinha que fazer e eles faziam. Todos sabem se virar, fazem comida, tudo! (Depoimento verbal, dado à pesquisadora em setembro de 2019).*

Nenhuma das participantes da pesquisa declarou poder ter feito apenas “coisas de criança”, como brincar e estudar. Desde muito jovens foram responsáveis por diferentes tarefas e inseridas no campo de trabalho para contribuir com a renda familiar:

**Deméter:** *Roçar, carpir, plantar, colher... Eu fazia tudo! Eu não tive infância. Sempre tive que cuidar dos mais novos e eu nem estudo tive. Os irmãos iam pra escola e depois me ensinavam em casa o que aprendiam.*

**Marisa:** *A gente aprendeu desde pequena a fazer o serviço de casa, a mãe ensinava, não é! Com sete anos eu já sabia tirar leite. Meio dia (metade do dia) eu ia na aula e meio dia (a outra metade do dia) eu ia junto com os meus irmãos na roça, aí o pai tinha feito pra nós as enxadas com o cabinho mais curto e nós acompanhava, nós capinava na roça. Com 11 anos eu já era babá, eu cuidava o filho da vizinha, eu*

*recebia pra isso. E tudo o que a gente aprendeu, graças à deus, é uma bagagem. Eu sempre falo pra minha Ana (filha), como é que era [no passado] e ela fala: Meu Deus, mãe! Você fazia tudo isso? Que absurdo! Eu digo a ela: Assim a gente aprende a **trabalhar e dar valor para as coisas** que a gente tem. (Depoimento verbal, concedido à pesquisadora em setembro de 2019, grifos da autora).*

**Ísis:** *Nós brincamos bastante. Brincamos de boneca... Não é que nem hoje que você vai na loja e compra, a gente fazia. Fazia as roupinhas de pano. Brincávamos de carrinho, descendo morro à baixo e os vestidos enrolavam nas rodas (risos). A mãe ficava braba porque ela tinha que remendar depois.*

Deméter foi uma criança que não teve infância, nem estudo, diferentemente de seus irmãos, todos do sexo masculino. A sua vontade de estudar, negada pelo pai, em nada mudaria o seu destino: trabalhar, casar e ter filhos. Para Ísis, criar as roupas para suas bonecas também fazia parte da brincadeira e era, ao mesmo tempo, um saber fazer, típico dos dotes femininos: costurar. Nos três depoimentos percebe-se que o trabalho é um elemento de atribuição de dignidade que, sob o olhar das participantes, não é mais valorizado como antes. As facilidades do mundo contemporâneo reduziram o tempo de certas ocupações, mas por outro lado, ampliaram e transformaram os modos de sociabilidade. Em outro momento, o tema infância despertou outras lembranças; as dos sabores:

**Figura 15**

**Produtos fabricados pelas mulheres das famílias Brand e Simon**



Fonte: Quemili Brand/Marisa Simon

**Marli:** *A gente ficava em casa e a mãe pedia para não deixar pedaço de madeira comprida no fogão e que a portinha ficasse sempre aberta. Claro, às vezes a gente ia brincar e se esquecia do fogo. A gente cuidava para não queimar o feijão, a mandioca, encaminhava o serviço (de casa). A mãe fazia bolachas de natal. A gente ficava esperando aquele momento do Natal. Fazíamos juntas as bolachas.*

**Maria:** *O pouco que elas (as mães das entrevistadas) tinham elas se conformavam, viviam felizes, viviam bem, não é? E hoje é o auge do consumismo que o pessoal tem. Não temos mais tempo pra isso, aquilo... Por isso eles tinham mais tempo para se dedicar (às coisas do dia a dia), a simplicidade de se reunir, sem que para isso precisasse ter churrasco e cerveja para ser festa, como hoje. Eles vivem alegres, eram felizes com aquilo que eles tinham. Eu via isso no meu tempo de criança. Nós que temos que mudar.*

As lembranças da infância da entrevistada são rodeadas de elementos característicos da vida rural, como o modo e o local de se realizar o trabalho doméstico pelas mulheres da família. Mesmo com a presença do irmão nas rotinas da casa, era Marli quem ficava responsável pela maior parte. Afinal, além ser mulher, era a filha mais velha. Nesse episódio familiar, a matriarca delega as tarefas a cada filho (a) antes de se ausentar de sua morada para realizar o dito trabalho fora de casa. Tratava-se de um dos momentos que a figura paterna, o pai balseiro, não se fazia presente.

Embora as mulheres envolvidas na pesquisa sejam alfabetizadas, nenhuma chegou a fazer curso superior, pois estudar sempre foi para elas um caminho de difícil acesso, seja por questões familiares, financeiras e, sobretudo, devido ao sistema patriarcal.

**Marli:** *Eu entrei na escola com oito anos. A mãe ia para roça e a gente ficava em casa, cuidando do fogão à lenha; cuidava para não queimar o feijão, a mandioca, encaminhava o serviço. Hoje... Jamais, né!... Eu tenho duas netinhas: a de um aninho já está indo na creche, a de quatro já lida com celular, mais do que a avó! Então, a gente vê assim que mudou muito nesses últimos anos. Que nem, eu ia na escola com nove, dez anos, a gente mal sabia ler e escrever o nome. A gente tinha uma professora para uma turma de 47 alunos. Ela era professora de todas as matérias (Depoimento verbal, concedido à pesquisadora em setembro de 2019).*

**Hera:** *Com 11 anos fui para outro colégio Liberato, na quarta série. Estudava, cuidava crianças dos outros, limpava calçadas de joelho e não ganhava estudo. Quem tinha que pagar eram os pais. Foi sofrido! Mas eu sempre ficava quieta, fazia o que as patroas mandavam! Imagina! Eu parei na Otília Sartoretto... Feroz! Aí a nota estava ficando baixa e a mãe me arrumou outro lugar (para ficar), aí melhorou. Ela (a nova patroa) era professora também. Ela me dizia: você levanta cedo, faz ligeiro o serviço que te sobra tempo pra estudar!*

*Aí eu não estudava de dia só de noite e dormia muito pouco. E era nova, né, pra fazer tudo isso, mas era assim! A gente não ganhava um ordenado! E às vezes reclamava (a patroa) que a gente comia um pedaço de pão (Depoimento verbal, concedido à pesquisadora em setembro de 2019).*

**Romilda:** *O difícil foi até os 7, 8 anos quando eu tava com os irmãos em casa. Depois os meus pais se separaram. Daí a minha professora falou pra eu ir cuidar da filha dela. Eu cuidava da filha dela e estudava. Mas quantas choradas eu dava quando eu me lembrava dos meus irmãos lá com a mãe... Não foi fácil! Mas fiquei onze anos na casa da professora chorando e sofrendo! Fui por causa dos estudos, pra estudar, porque ficava mais perto. Daí a mãe autorizou, Fiquei lá até eu casar. Estudei até o complementar, quinta série, e depois eu não estudei mais. Eu ia aos domingos e nas férias para casa. Era uma alegria! Eu não via a hora de chegar! Mas, valeu a pena pelos estudos! Eu perdi um ano de estudos porque a professora dava aula de manhã, minha aula era de manhã e eu tive que cuidar da filha dela! (Depoimento verbal, concedido à pesquisadora em setembro de 2019).*

Mesmo com a oportunidade de iniciar os estudos, os relatos de Marli, Hera e Romilda permitem que se reflita sobre a mulher na história da educação. Boto (2003) relata a preocupação de pensadores iluministas com a formação educativa dos indivíduos, da necessidade de instrução do povo. Segundo a autora, o filósofo Marquês de Condorcet, a favor da instrução de todos, sem privilégios e em prol do esclarecimento e desenvolvimento intelectual, desenvolveu um projeto de instrução pública que visava à oportunidade de acesso à educação, também, às camadas menos abastadas da sociedade francesa em prol de um “bem-estar coletivo”. O projeto evidenciava o direito de acesso das mulheres ao ensino, tendo como objetivo a sua preparação para a educação dos filhos. Direito de acesso com um objetivo claro: ser e atuar no lar.

De acordo com Telles (2015, p. 74), as mulheres tiveram direito à instrução “[...] a partir de 1827. Essa instrução estava pautada nas prendas domésticas e no acesso às primeiras letras e às quatro operações”. A figura do pai é, neste caso, marcada por autoritarismo, como é possível observar na fala de Ísis: “[...] Eu estudei só até a 3ª série. O pai me tirou da escola, ele sempre implicava com as minhas professoras. Ele não se dava com elas, daí eu não fui mais. Eu fiquei triste, já sabia ler, escrever e fazer conta” (Depoimento verbal, concedido à autora em 29 de março de 2019). Nos três relatos, identifica-se uma clara condição de dependência e submissão impostas a essas mulheres.

Lugar de mulher também é no museu. Portanto, este espaço pode e

deve operar em prol às questões de repressão e opressão feminina, pois essas práticas não passam despercebidas nos campos do conhecimento, da cultura e do patrimônio. Práticas de poder e de segregação estão presentes em todo o fazer museal. Nesse sentido, um museu que se declara em prol do desenvolvimento humano deve fazer da luta das pessoas a sua. No próximo capítulo, o texto se desenvolve em torno das imagens e histórias de mulheres, recobertas, de forma metafórica, por um tule; um tecido formado por redes que serve, especialmente, para deixar pouco visível àquilo que não deve ser declarado.

#### 4 O DESPERTAR DAS MEMÓRIAS SILENCIOSAS

*Quando a gente vai no museu tem mais fotos dos balseiros. É difícil ter a companheira junto. Deveria ter a história das mulheres também. A mulher ajudou a lutar para ter esse homem balseiro. (Maria, depoimento verbal, concedido à pesquisadora em setembro de 2019).*

**Figura 16**  
**Retratos de mulheres no museu**



Fonte: Acervo do Museu Recanto do Balseiro

É neste momento que a pesquisa desconstrói a (in)visibilidade, o esquecimento e silenciamento da mulher nos acervos e narrativas do museu. Para tanto, apresentar-se-ão, na seção 4.2, os passos que permitiram a aproximação entre pesquisadora e participantes da pesquisa, a formação das rodas de memória, os percalços, as dificuldades e os resultados alcançados com a investigação.

#### **4.1 A construção da memória: memória em roda, roda de memória**

Quanto mais velho se fica, mais memórias se constroem, e, ao mesmo tempo, ampliam-se os desafios de se aproximar das dimensões e dos planos que abrigam a memória. Ela se apresenta de forma fragmentária e necessita de dispositivos que estimulem a reconexão com a história. Essa operação se desenvolve como uma rede de energia que às vezes se apresenta radiante, outras vezes, com pouca intensidade. Tal como descreve Bosi (2003, p.15):

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura.

Desse modo, a proposta das rodas de memória permitiu suscitar e reconstruir lembranças que permaneciam estáticas na memória do coletivo de mulheres que foram responsáveis pela preservação e transmissão dos saberes e fazeres da cultura alemã, dos conhecimentos da medicina popular, da culinária, dos tipos de manejos e uso de objetos, tudo aquilo que se constituem como patrimônio cultural do grupo social. Segundo Perrot (1989), a memória das mulheres está ligada à oralidade, elas narram e transmitem os conhecimentos tradicionais. As fontes orais, por sua vez, foram indispensáveis para reparar as lacunas presentes nas narrativas sobre a mulher no Museu.

**Figura 17**  
**Primeira roda de memória**



Fonte: Acervo pessoal da autora

Em duas tardes de domingo foram realizadas rodas de memórias com onze mulheres. A casa de Ísis, moradora do bairro Borboleta baixa, foi o local escolhido pelas mulheres para a realização das rodas de memória. Casada a mais de sessenta anos com um ex-balseiro bastante conhecido na cidade, Ísis tem uma história típica da mulher rural, que lida com a roça, administra o lar, educa os filhos e desenvolve atividades manuais para fora, isto é, lavando, costurando, cozinhando, cuidando de outras crianças para cobrir as despesas da família. Pipoca doce, chimarrão, biscoitos natalinos e caipirinha estavam incluídos no banquete à espera das visitas: participantes e pesquisadora. Entre risadas, choros, saudades, lembranças e esquecimentos, as rodas de memórias foram tecidas.

A roda de memória é um método útil para se conectar a momentos e acontecimentos que fazem parte das vivências e experiências dos indivíduos. A metodologia parte de “[...] grupos informais, pensados tão somente com a finalidade de reunir as pessoas para exercitar o prazer de rememorar, reunir, reencontrar, sonhar e relembrar” (DALLA ZEN, 2014, p. 360). Por meio do diálogo, com ou sem o uso de objetos e imagens, as lembranças vão sendo evocadas para uma reconexão com histórias, pessoas, cheiros, sabores, gestos e práticas de outrora. Para a realização da roda com as mulheres, temas como

família, infância, educação, maternidade e trabalho foram fundamentais para compreender o lugar e o papel da mulher na história de balseiros.

Todo balseiro tinha o seu rancho, um pedaço de terra para plantar. Algumas famílias consumiam e comercializavam o que cultivavam, outras apenas se alimentavam do que produziam. As mulheres da casa, desde pequenas, ficavam responsáveis pelo trabalho com a terra, com o plantio e a colheita.

**Ísis:** *Eu tinha que fazer também o serviço de casa, né. Eu tinha minha rocinha que era longinha! Ai plantava mandioca, batata... Pra ter as coisinhas. O pai e a mãe me ensinaram. Eu tinha 8 anos e já ia na sanga lavar roupa. A gente tinha coragem nesses tempos! Mas, se fosse hoje em dia, meu deus! não tem como fazer isso! (Depoimento verbal, concedido à pesquisadora em setembro de 2019).*

O trajeto de ida e volta e mais o trabalho na roça ocupava a maior parte do dia, o que tornava obrigatório o cuidado dos afazeres domésticos pelas crianças.

**Marisa:** *Com 11 anos eu já era babá, eu cuidava o filho da vizinha, eu recebia pra isso. Na época era pago IRV, eu lembro, né! Ai a vizinha pagava e todo final de mês eu trazia o dinheiro e entregava pra mãe, ajudava nas despesas da casa. Mas assim, não era uma coisa sofrida, né! Eu gostava! Não era judiado. Eu só ficava acompanhando a criança pra ela não ficar sozinha. Era uma criança cuidando outra criança, né! Mas, naquela época era permitido, né! E tudo o que a gente aprendeu, graças à deus, é uma bagagem, né? (Depoimento verbal, concedido à pesquisadora em setembro de 2019).*

**Marli:** *A gente aprendeu, desde pequena, a fazer o serviço de casa, a mãe ensinava, né! Com 7 anos eu já sabia tirar leite. Meio dia (metade do dia) eu ia na aula e meio dia (a outra metade do dia) eu ia junto com os meus irmãos na roça, aí o pai tinha feito pra nós as enxadas com o cabinho mais curto, né, e nós acompanhava, nós capinava na roça. (Depoimento verbal, concedido à pesquisadora em setembro de 2019).*

A gestão do lugar e a transmissão dos saberes locais femininos são silenciadas com a chegada do “chefe de família”. Ao retornar à cidade, à sua morada, trazendo dinheiro, presentes e as histórias de suas aventuras, os balseiros eram recebidos com festa. Não se pode negar a difícil tarefa que esses homens tinham, no entanto:

**Hécate:** *Fala-se muito dos balseiros, mas não se fala como a mulher ficava em casa. Ela tinha*

*que proteger a sua família das onças e de outros animais... Então era muito difícil, ela tinha que ser uma batalhadora mesmo! Ela foi uma heroína, ela não tinha com quem contar. Foi muito difícil. Eu me imagino naquela época... Talvez eu não soubesse o que fazer. A mulher teve um papel muito importante, fundamental naquela época. No museu, eu acho que ainda tá faltando mais dedicação à mulher. E acho que tá faltando falar um pouco mais do papel da mulher. Mas, estamos buscando isso. Estamos entrevistando mulheres dos balseiros para eles falarem como era... A gente ouviu muito o lado deles, mas o delas a gente não sabe muito. (Depoimento verbal, concedido à pesquisadora em setembro de 2019).*

As lembranças são rodeadas de elementos característicos da vida rural, como o modo e o local de se realizar o trabalho doméstico pelas mulheres da família.

O papel e a posição em que o [...] “cônjuge masculino é célebre” (PERROT, 2008, p.21-22) são alguns dos elementos que permitem identificar a divisão sexual do trabalho, uma vez que esta impõe pesos distintos de poder. Portanto:

Do poder como potência, as mulheres são excluídas pelo princípio de sujeição que as liga a seus maridos. A liberdade, a independência, privilégios masculinos, condições de acesso ao poder, são igualmente obstáculos para proibir às mulheres o direito de desfrutar naturalmente das virtudes essenciais do homem. (RIOT-SARCEY, 2009, p. 184).

Ainda que essa afirmação faça sentido na contemporaneidade, é preciso ter em mente de que se há uma consciência das divisões dos espaços e de posições de poder. Com efeito, não se pode afirmar que as mulheres, naquele contexto, eram inteiramente submissas aos seus companheiros. O trabalho feminino, mesmo sendo desenvolvido apenas nos espaços privados, não corresponde a uma obediência passiva, uma vez que para essas mulheres o trabalho familiar é fundamental para a subsistência do *oikos*, isto é, do lar. Desse modo, é importante ressaltar que, mesmo havendo uma nítida distinção de poder entre a mulher e seu cônjuge, no caso o balseiro, isso não significa que o papel que ela desempenha seja menos relevante.

Dessa maneira, à mulher é imposta uma condição coercitiva, como a de casar e ter filhos, ambas sendo cobranças socialmente construídas. Tal imposição só se transforma em ação natural no momento em que duas pessoas se relacionam, como se para tornar um ser humano completo é preciso, ao menos, deixar o seu legado (procriar) às gerações futuras. Em

relação às famílias que tiram o seu sustento do trabalho agrícola, como as dos balseiros, ter filhos significa, sobretudo força de trabalho. A desnaturalização dessa ação coercitiva tem sido cada vez mais tensionada, principalmente pelas mulheres que manifestam subversão às normas sociais, seja em razão de condições financeiras, de sua estrutura psicológica e, certamente, de sua escolha pessoal.

As gestações e os partos também foram lembrados:

**Ísis:** *Os partos eram feitos em casa. Mas com as gêmeas foi no hospital, foi bem difícil. A primeira saiu com 4k e a segunda, com 3k não queria nascer, ficou numa posição ruim, o médico teve que enfiar a mão (no útero) pra ajeitar ela. Ela nasceu bem roxa. Ele fez respiração boca a boca e de repente, ela começou a se mexer, e ele salvou ela! Hoje em dia fazem aquelas cesáreas, né, e eu acho que não é muito bom para a natureza, né! Eu acho que o corpo foi feito pra isso!*

**Entrevistadora:** A senhora trabalhou no período de gravidez?

**Ísis:** *Sim! Até o fim! De manhã, me lembro, nós carneamos um porco e de tarde nasceu o Darcí. Nós estávamos no canal limpando as tripas e começou a me dar uma dorzinha. Eu disse para o Toni eu acho que é hoje que vai! Chegamos em casa, começou a correr água (a bolsa estourou) e ele (o marido) já foi buscar a parteira. Quando a parteira chegou, ele (o bebê) já tinha nascido. A gente tinha coragem nesses tempos! Mas, se fosse hoje em dia, meu deus! não tem como fazer isso! Eu grávida tinha que fazer tudo, lavar roupa, fazer comida, costurar...! Ia para o canal lavar roupa, uma vez eu quase caí e fiquei com dor na barriga, acho que estava com 7 meses, mas depois passou. (Depoimento verbal, concedido à pesquisadora em setembro de 2019).*

Para Ísis, estar grávida não era motivo de descanso. A mulher que gesta e pari um Ser não pode se ausentar de seus afazeres, pois quem assumiria o seu lugar? Afinal, a rude vida rural, isto é, o trabalho pesado tinha de ser feito, estando a mulher apta ou não. Em muitos casos, o marido balseiro só ficava sabendo da chegada de mais um filho no retorno de sua viagem. Sua bravura, coragem e força são visivelmente aspectos que fazem Ísis sentir orgulho de si mesma, da mulher que é. Mais uma vez, fica claro que o passado impera sobre o presente, como se as mulheres daquele tempo fossem mais resistentes, sobretudo pelo modo como os partos aconteciam, sem acompanhamento de profissionais da saúde, exercícios, massagens e alimentação especial. Certo é que, a gravidez e o parto foram sendo romantizados, e há um forte

convencimento de obstetras que vendem a cesariana como o melhor e o mais seguro método. Por outro lado, o movimento que vindica pelo “renascimento do parto<sup>21</sup>” contribui para o empoderamento feminino e desperta a consciência crítica a respeito da violência obstétrica tão presente nas agências de saúde e no fazer obstétrico.

Em outro relato, mais uma vez, o corpo transparece:

**Deméter:** *Eu com oito anos já tive o que vinha para as meninas, né! [menstruação] Eu já era mocinha. Quando eu tinha que tirar leite, em épocas que vinha bastante [o fluxo menstrual] eu até desmaiava, não tinha força, estava cansada. Daí me levavam pra casa, eu descansava e depois voltava ao trabalho. Porque não é que nem agora, tá menstruada e não faz isso, não faz aquilo... Naquele tempo, não! Estava ou não estava (menstruada) tinha que ir para roça.*

**Marli:** *A mãe não deixava a gente lavar a cabeça quando ficava menstruada, pra não dar choque térmico. (Depoimento verbal, concedido à pesquisadora em setembro de 2019).*

**Marisa:** *Eu acho que tinha onze anos (risos)... A gente estava carpindo aqui embaixo, eu lembro! Eu não esqueço! Aí a mãe começou a conversar comigo, a me explicar... Ó! Vai acontecer isso com você, você vai ficar mocinha. Sempre tudo bem esclarecido. Naquela época tinham mães que não tinham esse diálogo com as filhas. Às vezes, acontecia de menstruar, a menina se apavorava, não sabia o que estava acontecendo.*

Maria pergunta às mais velhas do grupo: Na época, vocês sabiam que vinha menstruação para as meninas? Todas respondem: Não!

**Maria:** *Isso aí é uma falha que todas nós passamos, né! O corpo ia mudando e a gente não sabia o que estava acontecendo. Daí quando eu tive a minha filha eu falei pra ela, eu não quis que ela levasse o trauma que nós levamos. Sobre sexo, muito menos! Nem quando casei. As mães tinham vergonha de falar sobre o assunto e para elas era pecado. Na época que a gente era guria, ia passar e a mãe só dizia: se cuidam! Nós nos cuidávamos para não cair, para não se sujar... [risos]. (Depoimento verbal, concedido à pesquisadora em setembro de 2019).*

Mary Del Priore (2000, p. 65), em seu livro *Leitura corpo a corpo com a mulher* revela que:

“O tabu da menstruação perpassa fronteiras, tanto no espaço

<sup>21</sup> Documentário Netflix que discute o aumento da cesariana no Brasil e da violência obstétrica.

urbano quanto no rural, esse era um assunto problemático. No entanto, as mulheres da urbe podiam ler, ter instruções “fora de casa” por meio de revistas femininas, caso o assunto em casa fosse impossível ou incompreensível”.

Algumas participantes da entrevista, especialmente as de mais idade, se mostraram um tanto desconfortável com a conversa. Outras, diferentemente, fizeram piadas com as histórias de menstruação. Fica claro, desse modo, o quanto as mulheres ainda são oprimidas por um sistema machista e misógino que coloca o corpo da mulher como produto, objeto e impõem padrões e normas que visam determinar o modo de se comportar, pensar, falar, agir.

Não se recorda apenas aquilo que se quer lembrar, mas também o que se quer esquecer. As rodas de memória desencadearam lembranças de tempos alegres, mas também de momentos difíceis, de histórias que carregam fortes marcas na memória.

**Hera:** *Num dia de temporal, foi a última vez que eu vi a mãe de pé, depois ela só ficou na cama. Quando ela faleceu, o pai queria contar pra mim, mas não sabia como. Eu tinha 19 anos. Não foi fácil! Minha mãe pra nós era tudo! Meu pai ficou bem extraviado. Depois eu casei, o marido era feroz! Ele me trancava de tudo. Eu queria fazer mais uma faculdade e ele não deixava. Ele tinha um ciúme doentil. Isso aí vem da família [dele], os costumes totalmente diferentes... Isso aí pra mim foi difícil. Daí eu desisti. Ele só bebia daí coloquei ele como o meu dependente, não dava pra contar com ele pra nada. Daí as minhas colegas do colégio disseram: você faz um seguro de vida pra toda família e eu fiz. Coloquei ele como o meu dependente. Eu tinha plano de saúde, levava ele nos médicos bons, fazia exames, tudo com o meu plano! Internava ele em Itá particular com o meu plano. Cuidei dele como não mereceu! Mas, tinha a parte boa também. Ele era trabalhador, mas esbanjador!*

O depoimento de Hera é marcado por situações em que ocorreram diversos tipos de abuso e violência. A violência doméstica é bastante presente na vida das mulheres. Foi somente em 2006 que a Lei Maria da Penha é criada (11.340/06). Segundo Muniz; Fortunato, 2018, p. 15:

A violência contra a mulher deixou de ser invisível, e a prática do ato violento passou a ser punida, embora ainda haja muito a evoluir no âmbito da legislação criminal, principalmente no momento da correta aplicação da lei. A Lei Maria da Penha visa à sua atuação e aplicação nos casos envolvendo violência por parte de quem tenha sido cônjuge ou que tenha tido qualquer ligação de afetividade, mesmo que não tenha tido coabitação ou convivência. Busca punir aquele que, por meio da violência física ou psicológica, tenta se manter dominante sobre o ser feminino.

A violência doméstica é uma realidade cruel que aumenta a cada dia. Enquanto na sociedade o sistema patriarcal imperar, muitas mulheres, como Hera, serão as próximas vítimas. Não é possível mais tratar com descaso o tema. Em briga de marido e mulher, é o nosso dever ajudar, apoiar a mulher. Dar as costas a casos como esses, é contribuir para o aumento da violência e do poder do sistema machista e misógino.

As histórias dessas mulheres são também de outras, são plurais. As histórias dessas mulheres se inscrevem no solo, na paisagem, nos objetos, na cultura e modos de vida. A luta das mulheres para o fim da opressão, violência e desigualdade, deve ser de todas e todos nós. No encerramento dessa roda de memória foi colocada para as participantes uma questão difícil de definir: Afinal, o que significa ser mulher? Com tom de empoderamento e, uma das participantes responde:

**Maria:** *O homem poder ficar sentado! (risos)*

*A mulher bota comida na mesa, faz um suco, recolhe a louça, lava a louça... Aí quando a mulher pensa em se deitar, esticar um pouco as pernas, já está na hora de lavar a louça de novo, de botar roupa para lavar que hoje, graças a Deus, tem aquelas máquinas, porque antes era tudo no braço. O homem... Ah, (dizem) fica com o trabalho mais pesado... Na realidade, a mulher trabalha mais do que o homem.*

Esta é, sem dúvida, a realidade de muitas outras mulheres, tal como Maria descreve. À mulher impõe-se o saber fazer doméstico quase como um *dom* que a coloca em uma condição de uma boa pretendente, conseqüentemente, esposa, mãe, enfim, uma provedora do lar. Tais *qualidades* cerceiam as mulheres de seus atos, modo de pensar, de se portar diante dos olhos e julgamentos de uma sociedade que censura a mulher e a coloca como um ser inferior ao homem; que domina a razão e controla a emoção. Não é por acaso que a luta das mulheres pela busca de equidade de gênero gera um mal estar. Ora, na sociedade androcêntrica e patriarcal é preciso manter a ordem e não subvertê-la.

Essas questões formam um grande campo de possibilidades para tratar, refletir sobre a construção do gênero nos diferentes aspectos da vida, na construção de identidades, na definição do que é patrimônio cultural, na história que, representará algo ou alguém, será valorizada, destacada ou

esquecida. São por todos esses aspectos, e por muitos outros, que os museus têm o difícil e fundamental papel de comunicar, exhibir, discutir, enfim, construir o patrimônio musealizado. É por essa mesma perspectiva que a Museologia precisa direcionar e concentrar os debates da área que carecem de olhares e pensamentos inquietos e preocupados com as vicissitudes inerentes a todo campo político, de disputa e poder.

A seguir, o texto apresentará a criação da peça teatral sobre o cotidiano e as histórias de vida de mulheres rurais itaenses, como um dos resultados das provocações que a pesquisa trouxe para o centro das discussões em torno do Museu Recanto do Balseiro.

#### **4.2 Entre diálogos, canções e religiosidade: a lida feminina na cena teatral**

*Nesses versos tão singelos  
Minha bela meu amor  
Pra você quero cantar  
O meu sofrer a minha dor*

*Eu sou como o sabiá  
que quando canta é só tristeza  
Desde o galho onde ele está*

*Nessa viola  
eu canto e gemo de verdade  
Cada toada representa uma saudade*

*Eu nasci naquela serra num ranchinho a beira chão  
todo cheio de buracos onde a lua faz clarão  
quando chega a madrugada  
lá no mato a passarada  
principia o barulhão*

*Lá no mato tudo é triste  
Desde o jeito de falar  
Pois o jeca quando canta  
Da vontade de chorar*

*Não tem um que cante alegre  
Tudo vive padecendo  
Cantando pra se aliviar*

*Vou parar com minha viola  
Já não posso mais cantar  
Pois o jeca quando canta  
Da vontade de chorar  
E o choro que vai caindo  
Devagar vai se sumindo  
Como as águas vão pro mar.<sup>22</sup>*

---

<sup>22</sup> *Tristeza do Jeca. Compositor: Angelino de Oliveira. Música de abertura da peça teatral.*

**Figura 18**  
**Apresentação da peça teatral no Museu Recanto do Balseiro**



Fonte: Acervo pessoal da autora

A memória pode ser ativada e (re)construída por diversas formas. Pela música, nos conectamos a outras dimensões de tempo e lugar. Por meio da melodia é possível recordar de momentos e pessoas, imaginar e reconstruir cenas da vida cotidiana, sentir a alegria ou o dissabor de uma lembrança. Igualmente, a peça de teatro, (com seu texto, figurino e cenografias) traz à tona emoções e sentimentos distintos, mesmo que a história ali contada não seja sobre você. Estamos a todo momento evocando memórias, reforçando identidades e tensionando as diferenças. O processo de lembrar, esquecer, provocar, reconstruir e ocultar é inerente ao espaço museal. Está impresso em suas ações, políticas, visão, enfim, na sua razão de existir. Em meio a esse processo, no museu dos balseiros, uma fenda nas narrativas sobre a mulher tem sido operada. Como resultado deste, uma ação educativa foi inserida no evento mais significativo da instituição, de celebração dos homens balseiros.

A ação educativa refere-se a uma apresentação teatral sobre o cotidiano das *mulheres dos balseiros*, inserida na programação do *Encontro dos*

*Desbravadores* de 2018. A peça representou um novo movimento na história do Museu e das mulheres e coloca em discussão o papel e a importância destas no contexto extrativista. Muito além de fotografias e objetos do cotidiano que pouco tem provocado identificação, a peça trouxe um novo sentido e função ao Museu. *Mulheres, Saberes e Afazeres: o lugar da memória feminina na atividade balseira do oeste catarinense* versa sobre a lida diária da mulher no campo e a sua participação no desenvolvimento rural. Desconstrói a figura de uma *simples* dona de casa que sofre a ausência do marido e lamenta as dificuldades que a família passava e revela a força de mulheres socialmente desamparadas frente aos desafios, perigos, incertezas e a falta de amparo em diversos setores da vida. A história dessas mulheres é também a história do lugar, da cidade e região. Ela faz parte da memória coletiva de oestinas e oestinos.

Com duração de vinte minutos, a ação se volta para o tempo diário das mulheres, suas práticas e seus saberes, aspectos de uma vida bucólica, de um lugar predominantemente feminino. É mês de setembro, época de cheia do rio que, graças a São Miguel (tal como muitos fiéis acreditavam), os balseiros seriam abençoados com muita chuva para as toras de madeira poder transportar e assim um bom dinheiro ganhar e logo à Argentina chegar. Os homens ficavam ausentes, mais ou menos, três meses. Não havia meios para o envio de dinheiro à família, ficando, desse modo, a cargo da mulher a responsabilidade de colocar alimento na mesa, assegurar a sustentabilidade do lar e proteger as crianças de animais selvagens, como a onça.

Na cena inicial, as personagens Maria e Joana cantam com a mãe ao mesmo tempo em que trabalham na limpeza da casa e no cuidado com as roupas. Ao final da cantoria, o diálogo se segue sobre as atividades do dia-a-dia. A matriarca lembra às filhas que a lida na roça tem sido deixada para trás. À filha do meio, Joana, faz um alerta: “[...] tenho visto que tem passado longe do machado! Joana responde à sua mãe: Ah, mãe! Mas, rachar lenha é serviço de homem! Logo, a mãe a repreende: Ah! Rachar lenha é serviço de homem? Então me diga, minha querida, onde estão os homens dessa casa? Onde?”. Não importava que tipo de serviço fosse necessário fazer, as mulheres davam conta de tudo, afinal, era uma questão de sobrevivência. Com diversos afazeres e cuidados que a mãe era responsável, algumas situações fugiam de seu controle.

Na segunda parte da história, a mãe se dá conta que a filha caçula tinha sumido. Logo, o desespero se intensifica e sem saber o que fazer mãe e filhas começam a rezar.

**Figura 19**  
**Cena da primeira prece**



Fonte: Acervo pessoal da autora

Em meio à prece, uma cantoria surge e se aproxima cada vez mais delas. Era a voz de Anita, a caçula, e da parteira da comunidade que, ao encontrar a menina num barranco, a leva de volta para casa. Anita diz que “[...] teve um sonho e na sua inocência uma estrela havia contado pra ela, que quando o céu estivesse repleto de outras estrelas, o pai e o nono voltariam pra casa. Então ela estava lá, a esperar pelos dois”. (COSMANN, 2018, Esquete Teatral Dia Do Balseiro).

Percebe-se nos parágrafos supracitados alguns elementos que são intrínsecos ao cotidiano dessas mulheres, como a religiosidade que servia de amparo às difíceis situações, tendo como principal personalidade divina São Miguel, o santo das águas (Figura 20). O Santo padroeiro dos balseiros tem um

papel de destaque no evento do museu. A programação do Encontro reserva um momento para a procissão até o rio Uruguai, onde o Santo é carregado por fiéis e banhado pelas águas. A fé ao Santo está presente no evento dos balseiros, no museu, nas casas dos e das itaenses, em suas histórias, memórias e formas de lidar com as mazelas da vida.

**Figura 20**

**Procissão com São Miguel no Encontro dos balseiros de 2018**



Fonte: César Castro

Em meio às dificuldades no plantio, escassez de comida, falta de chuva e a diminuição na geração de renda, é na dimensão simbólica, neste caso a partir da fé no Santo, que essas pessoas encontravam o seu porto seguro. Pode-se dizer, portanto, que o Santo é um símbolo identitário da comunidade. Ele está presente nas canções, orações e práticas de seus devotos. A teatralização do Santo na comemoração da festa dos balseiros é uma comemoração religiosa do Catolicismo onde reúnem fiéis para a realização de um pedido, milagre e de auxílios espirituais.

Esta é uma história que está para além da cidade de Itá, ela perpassa por toda a região do oeste catarinense marcada pelo processo do extrativismo, das secas do rio e das formas de se relacionar com ele. A peça foi transformada em um projeto cultural – sendo a autora dessa dissertação a gestora e produtora –

inscrito no Edital de fomento e Circulação das Linguagens Artísticas de Chapecó/2019, levando o prêmio, com maior pontuação, na categoria Patrimônio Cultural Imaterial.

Intitulada *Mulheres, saberes e afazeres: o lugar da memória feminina na atividade balseira do oeste catarinense*, os objetivos da intervenção teatral foram: apresentar os modos de vida, saberes e labores da mulher rural, no apogeu da atividade madeireira; identificar o papel sociocultural da mulher camponesa no processo de desenvolvimento do período extrativista, por meio de práticas e saberes gestados dentro e fora do âmbito familiar, na ausência dos homens navegantes do Uruguai; compreender o significado do processo histórico e patrimonial do oeste catarinense, constituídos no período de ascensão econômica, por meio de história de mulheres comuns; valorizar as histórias de mulheres constituidoras e promotoras do patrimônio histórico e cultural da região; fomentar o empoderamento feminino e a reconstrução de memórias. Em todas as apresentações da peça, emoções e memórias foram despertadas, especialmente, pelas mulheres, ao se lembrarem de suas infâncias, seus familiares, cotidianos.

**Figura 21**  
**Circulação da peça em Chapecó**



Fonte: Acervo pessoal da autora

A intervenção teatral foi um meio de atingir o sentido de apropriação da identidade, de contribuir com o desenvolvimento cultural local e regional, de oportunizar o reconhecimento de novas histórias, a valorização das histórias de vida, o destaque do papel da mulher no contexto extrativista, a equidade de gênero, a reconstrução de memórias, enfim, a consciência crítica sobre o processo de colonização da região. Tratou-se de uma oportunidade de questionar a historiografia regional, de despertar o interesse no público pelo mundo artístico, especialmente aos jovens – tendo em vista que a maioria das atrizes não ultrapassa os 16 anos de idade, e, sobretudo, despertou lembranças e sentimentos nas pessoas idosas que se entregaram ao saudosismo.

Vista por mais de quinhentas pessoas, a peça, inclusive, despertou a atenção dos agentes culturais de Chapecó (responsáveis pela construção do Museu do Balseiro do Rio Uruguai, ainda em fase de implantação) que perceberam a fenda na expografia ao suprimir a mulher do discurso expográfico da referida instituição. Mais do que formação de plateia, a peça foi uma forma de “desconstruir a história da história feminina para reconstruí-la em bases mais reais e igualitárias” (COLLING, 2004 p. 36).

A ação do museu que se deu, especialmente, perante as inquietações da pesquisa de mestrado vem sendo continuada e ampliada. No Encontro dos balseiros de 2019, o fundador do museu traz para a festa mais um momento para lembrar e valorizar a mulher. Diferentemente da primeira intervenção artística que destacou o papel da mulher no contexto da extração madeireira, a segunda (figura 17) mostrou a história de colonos e colonas que vieram para o Brasil, retratando diálogos, costumes, formas de sociabilidade inerentes à cultura italiana.

**Figura 22**  
**Cena da chegada à América**



Fonte: Edineia Paludo

Pode-se inferir que as duas intervenções artísticas cumprem um papel de valorização e transmissão da história e do patrimônio cultural de homens e mulheres que o Museu quer representar. O trabalho de memória que a instituição tem realizado tem gerado uma reaproximação com o seu público e ressignificado sua missão e função social. Entretanto, não basta que uma ação tenha apenas notoriedade é preciso, pois, encontrar a substância para a sua permanência. A finalidade de uma ação teatralizada deve estar para além de um espetáculo cujo objetivo, neste caso, é meramente ilustrativo. A ação teatral nos museus tem grande potencial crítico. O contexto que a peça apresenta, baseado em histórias de vida, lugares, saberes, memórias, enfim, nas pessoas, precisa ser trabalhado e, conseqüentemente, transmitido com base em uma perspectiva crítica, consistente que desperte no público a reflexão. Dito isto, tal como propõe Meneses (1994, p. 35): “a teatralização reforça a ilusão de que conhecimento e observação (percepção sensorial) se recobrem”. Apenas como celebração, espetáculo ela banaliza o conhecimento, diferentemente do que propõe com o que chama de “Laboratório da História”, cuja finalidade é, sobretudo, o conhecimento. Embora as apresentações teatrais tenham fugido da

perspectiva de *Laboratório de História*, suas passagens pelos palcos de diferentes lugares, sem dúvida, foram registradas nas memórias de pessoas que se permitiram chorar, depor sobre os seus sentimentos, impressões e lembranças evocadas pela peça. Para muitas mulheres, sobretudo, foi como ver um filme passando pela cabeça, com cenas reais, das conversas, brincadeiras, dos afazeres domésticos, enfim, da relação entre mãe e filha. Isto é o sentido da peça existir. Ela atua como um espelho cuja imagem representa diversas histórias de mulheres e suas memórias silenciosas.

## 5 MEMÓRIAS QUE ECOAM...

Longe do ideal, perto do possível... Assim concluo a experiência acadêmica-maternal. Esse parto 'trigemelar' foi uma conquista, afinal, eu escolhi e quis tê-los! Os caminhos, as estratégias e consequências dessa experiência me colocaram em um estado de resiliência advindo, sobretudo, pelos incentivos e testemunhos de mulheres, do meu círculo familiar e de amizade, que ousaram e recusaram padrões tradicionais e conservadores. De um modo ou de outro, eu me via na história dessas mulheres, tal como águas que se confluem e se renovam.

Somos todas guerreiras! Assim falou Ísis no final de seu depoimento, ao traduzir a sua compreensão sobre o que é ser mulher. Os caminhos desse trabalho levaram-nas a construir uma tomada de consciência de seus papéis na construção da história e patrimônio cultural local. No Encontro dos balseiros de 2017 realizei rodas de conversa com os antigos balseiros e algumas mulheres sobre as travessias e de como suas famílias se organizavam durante as viagens dos homens. Nesse primeiro contato, ficou evidente que a figura do balseiro era onipresente. Mesmo quando estimuladas a falarem sobre si, as mulheres, no início, dificilmente conseguiam realizar o exercício de contar e protagonizar suas próprias histórias, sem grandes aventuras e relevância como a dos balseiros, diziam elas. Por vezes, no caminhar da pesquisa foi preciso repensar a abordagem das entrevistas, uma vez que, as respostas das participantes sempre se reportavam à figura do homem balseiro. Desse modo, o Museu Recanto do Balseiro seria o meio para ampliar a perspectiva dessas mulheres sobre si mesmas e, igualmente, para desconstruir as narrativas museológicas que se mostram de forma distinta aos demais acervos e longe de seus próprios olhares.

As mulheres se sentem representadas pelo Museu? O que significa para elas os seus retratos nas paredes do museu? Como problemas da pesquisa, essas questões foram desenvolvidas no intuito de compreender se o museu participa, ou pode participar do processo de valorização e preservação da história e do patrimônio cultural local e, ainda, como a Museologia Social contribui para a democratização da presença e memória de mulheres nas

narrativas museológicas.

Por meio da metodologia da História Oral foi possível analisar como o museu opera a memória da mulher a partir de temas como infância, educação, casamento, maternidade e trabalho. A pesquisa mostrou que os objetos e as fotografias têm a função de recuperar a memória da *mulher do balseiro*. Todavia, o museu começa a se abrir para as questões da luta feminina, criar ações e espaços objetivando a reconstrução do papel da mulher, identificando e valorizando saberes e fazeres para além do âmbito familiar, dos cuidados com a casa e os filhos. Desse modo, o museu começa a realizar um trabalho de empoderamento e representação feminina. Diante dos altos índices de desigualdade social, de gênero, violência e abuso, colocar a mulher como principal personagem desta pesquisa, significa abrir espaço de fala a esse grupo que é também agente de construção e do desenvolvimento rural, fundamental para a preservação e transmissão de técnicas e conhecimentos tradicionais que fortalecem e identificam o grupo social.

As ações de recuperação e valorização de histórias e memórias da população itaense são essenciais por se tratar de um lugar que sofreu o processo de desterritorialização e que vem sendo ameaçado pelos ideais de progresso com o turismo lucrativo. O programa Arca de Noé desenvolvido na década de 1990 foi substancial para o trabalho de reconstrução do sentimento de pertença, no entanto, a ação não foi continuada. Não se tem dados sobre outras ações da mesma finalidade do referido Programa, seja pela Usina ou pelos museus da cidade, públicos e privados. As memórias daqueles que viveram na cidade velha, tal como as práticas, formas de sociabilização, enfim a vida cotidiana que foram recuperadas no trabalho de Educação Patrimonial encontram-se cobertas pelas poeiras presentes em relatórios, banners, objetos e fotografias que sofreram paralisia, isto é, não se renovam, nas salas expositivas do Centro Divulgação Ambiental da Usina Hidrelétrica Itá.

Com relação às questões entre turismo e patrimônio cultural, a pesquisa mostrou, de modo sucinto, que o Museu é tanto produto turístico como produtor de cultura, ao destacar as ações realizadas pelo empreendimento familiar, como a fabricação de produtos coloniais, almoços típicos da “culinária balseira”, entre outros, que se fundem às ações do museu, de valorização e preservação do patrimônio cultural. Assim, com base na

patrimonialização do ofício dos balseiro, o turismo pode ser vislumbrado no caminho do desenvolvimento sustentável, com responsabilidade e respeito com o patrimônio cultural. Contudo, os lugares, os museus e as práticas sociais não estão isentas às manifestações de poder, isto é, mesmo que uma ação de seleção dos recursos turísticos seja desenvolvida numa perspectiva do desenvolvimento sustentável, ela, certamente, passará por negociações, conflitos e imposições. Do mesmo modo, colocou em discussão os componentes histórico-culturais construídos como símbolos da identidade local pela Secretaria de Turismo. Em suma, os elementos selecionados como referência cultural são utilizados de modos diferentes entre as duas instituições. O turismo arquitetado pela entidade municipal está aquém de uma perspectiva de desenvolvimento sustentável e tem gerado a mercantilização dos espaços, de equipamentos e patrimônios culturais como meios para atrair turistas e fomentar o uso do lugar, mais especificamente, dos resorts e águas termais que se localizam no entorno do lago formado pela UHE.

O trabalho de memória e de preservação do ofício de balseiro só tem sido possível com a reconstrução das ações museológicas, como rodas de memória, ações educativas-culturais, como a peça de teatro e, sobretudo, a implementação do Plano Museológico, com a participação dos ex-balseiros, das mulheres agricultoras, estudantes da rede municipal e parte da população local. Embora o Museu faça menção ao lugar que a mulher ocupava na atividade balseira, por meio do acervo e das narrativas de seu idealizador, não há elementos que deem conta de mostrar a trajetória, as dificuldades e as singularidades da vida das mulheres. Nesse sentido, investigar o grupo de mulheres de Itá, cujas histórias estão ligadas às dos balseiros, seria como realizar um trabalho de “dever de memória” (FERREIRA, 2011), representada pela preocupação com a desigualdade de gênero que se reflete em ações segregatórias e androcêntricas. Portanto, é em busca do “dever de memória” que o Museu do Balseiro poderá operar para alcançar o sentido de representação das mulheres por meio de seus olhares e narrativas.

Os traços e as pistas que se evidenciaram na pesquisa, indicaram que os retratos dessas mulheres no Museu são *museália* produzidas pela ótica da “ilusão museal” (PACHECO DE OLIVEIRA & SANTOS, 2015), isto é, suas imagens são reminiscências, vagas, incompletas, secundárias, construídas pelo

olhar do homem. Suas vozes, memórias e histórias se encontram adormecidas e silenciadas na arte do enquadramento. As fotografias, espalhadas pelas paredes do museu, não revelam suas identidades, pelo contrário, ocultam. As mulheres lembradas pelo museu são como um vulto, isto é, pouco percebida, vista cuja imagem não é possível identificar e compreender.

Embora o Museu faça menção à presença e participação da mulher no contexto da ação madeireira e do ofício do balseiro, como é possível verificar no produto gerado pelas rodas de memória, fotografias e nos objetos do cotidiano, não existe um trabalho consistente de mediação que assegure a compreensão sobre a presença feminina na construção da figura do balseiro. Os resultados das rodas de memória realizadas com as mulheres representam preciosas fontes de pesquisa para o museu no processo de reconstrução da história da mulher: agricultora, dona de casa, mãe. Os depoimentos evidenciaram os sofrimentos, as dificuldades, as lutas e os saberes dessas pessoas que se constituem como parte da história local, regional e, inclusive, de seu desenvolvimento rural. Ouvi-las e colocá-las como protagonistas de suas próprias vidas e histórias é fundamental se esta for, de facto, a intenção, ou melhor, missão do Museu .

A literatura dedicada a homenagear, lembrar e valorizar o homem balseiro identifica e destaca a mulher como um figurante nas cenas, enredos e histórias sobre balsas, balseiros e o rio Uruguai. À mulher é empregado papéis de boa mãe, cuidadora de crianças, parideira, parteira – práticas socialmente instituídas em sua condição feminina – que corroboram com a invisibilidade do seu papel na trama sobre o desenvolvimento local e econômico, pois, seu status e estado de *ser* mulher impedem-na de realizar os mesmos papéis que o homem precisava ter para desenvolver o conhecimento e adquirir coragem, características estas tão presentes nas histórias de balseiros.

O surgimento de ações que operam com a história de mulheres no museu vem ganhando visibilidade na região por meio da festa dos balseiros, sobretudo, pela circulação da peça teatral *Mulheres, Saberes e Afazeres* que alcançou grande impacto, pela semelhança com histórias de outras mulheres que se viram numa viagem ao tempo pretérito, nas brincadeiras da infância, dos afazeres domésticos e ensinamentos de suas mães, dos quintas de suas casas, os cheiros, os doces, as festas, as perdas, enfim a vida como ela era.

Cabe destacar que uma investigação não tem o papel de vigilância, de fiscalização. Ela é útil para fazer pensar, reconstruir as bases que sustentam o trabalho museológico e, sobretudo, reforçar a função social do museu e o sentido dele existir. Esta pesquisa foi desenvolvida a partir da perspectiva da Museologia Social, isto é, um movimento de reconstrução do fazer, do pensar e da forma de comunicar dos museus. Esta corrente não tem um formato único, ela se adapta a todo museu e a qualquer ação museal, de preservação, de pesquisa e transmissão do patrimônio cultural. A Museologia que se faz pelo social considera os olhares, as vozes e ideias dos indivíduos, das pessoas, independentemente de seu gênero, cor, idade, patrimônio, etc. Portanto, sua função e caráter social se manifestam em ações que são desenvolvidas para o benefício da sociedade e que canalizam os problemas e as reivindicações sociais, tal como se pode identificar no caso do estudo, o Museu Recanto do Balseiro que vem construindo um novo cenário e novos discursos para a história das mulheres.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina. **A Fabricação do Imortal: Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. 225p.
- BAPTISTA, Jean. Nada de novo no front: o episódio Quermuseu enquanto continuidade da lgbtfobia nacional e museológica. In: **Museologia e suas interfaces críticas** [organizadores] Bruno Melo de Araújo... [et al]. – Recife : Ed. UFPE, 2019. p.82-95
- BARRETO. Margarita. La delicada tarea de planificar turismo cultural: Un estudio de caso con la “germanidad” de la ciudad de Blumenau- SC (Brasil). In: **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. Vol. 1, 2003, p. 51-63.
- BELLANI, Eli Maria. Balsas e Balseiros no Rio Uruguai (1930-1950). In: CEOM: 20 anos de memórias e histórias no oeste de Santa Catarina. **Cadernos do CEOM**. Chapecó: UNOESC, 2006, v. 19, n. 23. p. 73-97.
- BENHAMOU, Françoise. **Economia do patrimônio cultural**. Trad. de Fernando Kolleritz. São Paulo, Edições SESC, 2016.
- BOURDIEU, P. A dominação masculina [1930-2002]. 11º ed. - Rio de Janeiro, RJ. Tradução Maria Helena Bertrand, 2012, 160p.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória**. Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- \_\_\_\_\_. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. Entrevista concedida a Mozahir Salomão Bruck (2012). **Dispositiva**, v.1, n.2, ago./dez. 2012, pp. 196-199.
- BOTO, Carlota. Na Revolução Francesa, os princípios democráticos da escola pública, laica e gratuita: o relatório de Condorcet: **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 24, n. 84, 2003. p. 735-762.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 2ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, 160p.
- CABRAL. Diogo de Carvalho; CESCO, Susana. Notas Para Uma História Da Exploração Madeireira Na Mata Atlântica Do Sul-Sudeste. In: **Ambiente & Sociedade**, Campinas, 2008, p. 33-48.
- CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011. 114 p.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e artefato: O sistema doméstico na cultura material**. São Paulo. Editora: Universidade de São Paulo: 2008.
- CHAGAS, M.; GOUVEIA, I. Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). **Cadernos do CEOM**, 27(41), 9–22, 2014.

CLIFFORD, James. Los museos como zonas de contato. In: **Itinerarios Transculturales**. Barcelona: Gedisa, 1999. p. 233-270.

COLLING, Ana Maria. Gênero e História. Um diálogo possível? In: **Contexto e educação**. Editora UNIJUÍ, ano 19, nº 71/72 . jan-dez 2004, p.29-33.

CONSÓRCIO ITÁ. Itá: **Memória de uma usina**. Itá, SC: Takano, 2000.

COSMANN, Leila. **Esquete teatral dia do balseiro**. Meninas Arteiras Cia de Artes, Seara: SC, 2018.

DALLA ZEN, Ana Maria. Entre a Utopia e a Atopia: a experiência do Programa Lomba do Pinheiro, Memória, Informação & Cidadania, Porto Alegre-RS. In: **Cadernos Ceom** Ano 27, n. 41.

DECLARAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. In: **Estudos Avançados** n. 6, v. 15, p.153-159, 1992.

DECLARAÇÃO DE QUEBEC. (1999). Princípios básicos de uma Nova Museologia (1984). In **Cadernos de Sociomuseologia**, nº 15. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, 223-225.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**. SENAC: SP, 2000.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, v. 5, 1997.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. Políticas da memória e políticas do esquecimento. In: Aurora. **Revista de arte, mídia e política**. Vol.10, 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/4500/3477>>. Acesso em maio de 2016.

FRATUCCI, Aguinaldo César. Os lugares turísticos: territórios do fenômeno turístico. In: **GEOgraphia** , ano. II, nº 4, 2000, p.121-133.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015.

GRAZIOLI, Fabiano Tadeu. **Os passos de Itá nos caminhos da história**. Erechim, RS, 2006, 65p.

HAESBAERT, Rogério. **O território em tempos de globalização**. E Limonad Geo Uerj, Rio de Janeiro, 1999, p.7-19.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBSBAWM, E. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra,

1997. p. 9- 23.

HOBSBAWM, Eric J. O presente como história. In: **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p.315-331.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES (ICOMOS). **DECLARAÇÃO de Québec Sobre a preservação do "Spiritu loci"**. Quebec: Canadá, 2008. Disponível em: [https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA16\\_Quebec\\_Declaration\\_Final\\_PT.pdf](https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf). Acesso em: 28 de junho de 2018.

ITÁ ECO TURISMO. **Itá Eco integra GETTUR para alavancar turismo em Itá**. Disponível em: <<http://www.itaecoturismo.com.br/informativos/17-ita-eco-integra-gettur-para-alavancar-turismo-em-ita>>. Acesso em 22 de abril de 2018.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Uso e abusos da História oral**. 7 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005. p. 43-62.

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e do lar. **Veja**, 18 abr. 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-dolar/>. Acesso em 22 de abril de 2018.

LOPES, MARIA MARGARET. Bertha Lutz e a importância das relações de gênero, da educação e do público nas instituições museais. In: **Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres**. (Org.) Maria Elisabete Arruda de Assis; Taís Valente dos Santos. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2016, p. 76-87.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MARCON, Telmo. **História, memória e cultura**. Chapecó: Argos, 2003.

MEDEIROS, Rosa Maria. Território, espaço de Identidade. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Org.): **Território e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo; Expressão Popular, 2009. 217-228.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**. São Paulo, n. 115, 1983, p. 103-117.

MENSCH, Peter van. Museus em movimento. In: **Cadernos museológicos**. Rio de Janeiro, 1987. p.49-54.v.1 e 2.

MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS [MAB]. (2011). A

criação das comissões regionais de atingidos. Acesso em maio de 2018. Disponível em: <<http://www.mabnacional.org.br/content/2-cria-das-comiss-es-regionais-atingidos>>.

MUNIZ, Alexandre C; FORTUNATO, Tammy. Violência Doméstica: Da Cultura ao Direito. In: **Violência contra a mulher: um olhar do Ministério Público brasileiro/Conselho Nacional do Ministério Público**. – Brasília: CNMP, 2018, p.8-19.

MUSEU DO BALSEIRO. **Plano museológico** (2018-2020). Itá: Museu do Balseiro, 2018.

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos & QUEIROZ, Marijara Souza. Museologia – substantivo feminino: reflexões sobre museologia e gênero no Brasil. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, nº 5, pp.61-77, 2017.

ONU. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Traduzido pelo Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio), 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2015/10/agenda2030-pt-br.pdf>. Acesso em julho de 2020.

PACHECO DE OLIVEIRA, João; SANTOS, Rita de Cássia de Melo – “Descolonizando a ilusão museal: etnografia de uma proposta expositiva”. In Manuel Ferreira Lima Filho, Regina Abreu e Renato Athias (organizadores) **Museus, Etnografias e Atores Sociais**. RJ: ABA Publicações, 2015.

PÉREZ, Xerardo Pereiro. Turismo Cultural. Uma visão antropológica. In: PASOS: **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. Tenerife. 2009. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosedita/PSEdita2.pdf>. Acesso em junho de 2017.

PEIXER, Zilma Isabel. **Utopias do Progresso: Ações e dilemas na localidade de Itá frente a uma Hidrelétrica**. Dissertação de mestrado em Sociologia. Florianópolis: UFSC, 1993, 166p.

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina - In: BRESCIANI, Maria Stela (org.) **Revista Brasileira de História**. n.18 - SP - ANPUH/Marco Zero - 1989/90.

\_\_\_\_\_. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008, 190p.

POLI, Jaci. Caboclo: pioneirismo e marginalização. In: **Cadernos do CEOM**. Ano 19, n. 23 - CEOM: 20 anos de memórias e histórias no oeste de Santa Catarina. Chapecó/SC: Argos, 2006, p. 149-188.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**. V. 1 (Memória-História). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

PREFEITURA DE ITÁ. **Altir Goedert assume Secretaria de Turismo.** Disponível em: <<http://ita.sc.gov.br/noticias/144/427-altir-goedert-assume-secretaria-de-turismo>>. Acesso em: 22 de abril de 2018.

RADIN, José Carlos; VICENZI, Renilda. A colonização em perspectiva no cenário de Chapecó. In: CARBONERA, Mirian; ONGHERO, André Luiz; RENK, Arlene; SALINI, Ademir Miguel. **Chapecó 100 anos: histórias plurais.** Chapecó: Argos, 2017. p. 59-106.

REGO, M. E. P. A educação Patrimonial como Parte do “Programa Arca de Noé”. **Cadernos do CEOM** - a.14. n.12. Unoesc: Chapecó. Junho 2000.

RENK, A.; CABRAL, V. J. Campesinidade e migração internacional: novas estratégias dos jovens rurais do Oeste Catarinense. **Esboços**, Florianópolis, v. 10, n. 10, p. 09-28, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/385>. Acesso em: maio de 2017.

RENK, Arlene; SAVOLDI, Adiles. Trilha do Pitoco: natureza e tradição na rota do turismo do vale do Rio Uruguai. In: PASOS. **Revista de Turismo y Patrimônio cultural.** Espanha, 2011. p. 59-67.

RIOT-SARCEY, Michèle. Poder (es). In: **Dicionário Crítico do Feminismo**, HIRATA, Helena et al (org.). São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.; SILVEIRA, Maria Laura. (org's). **Território: globalização e fragmentação.** 3.ed. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SILVA, C; BRANDT, M; MORETTO, S. TRANSFORMANDO A PAISAGEM: UMA HISTÓRIA AMBIENTAL DE CHAPECÓ In: Mirian Carbonera [et al.] (Orgs.). **Chapecó 100 anos: histórias plurais/** Chapecó, SC: Argos, 2017. p.181-214.

SOARES, Bruno Brulon. A invenção do ecomuseu: o caso do Écomusée du Creutos Montceau-les-Mines e a prática da museologia experimental. In: *Mana* vol.21 n°2 Rio de Janeiro Aug. 2015. p.267-295.

\_\_\_\_\_.Museus, mulheres e gênero: olhares sobre o passado para possibilidades do presente. In: **Cadernos Pagu** (55), 2019:e195515

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade.** Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul./dez., p. 71-99, 1995.

TELLES, V.M. Antônia. **História da educação brasileira: a mulher como protagonista da educação no ideário positivista 1880-1930** (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-graduação stricto sensu em Educação. Universidade Estadual do Oeste doParaná (UNIOESTE), Cascavel, 2015 (dissertação de mestrado), 171p.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro**: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

VARINE, Hugues de; MIRANDA, Odalice Priosti. O novo museu das gentes brasileiras: criação, reconhecimento e sustentabilidade dos processos museológicos comunitários. **Cadernos de Sociomuseologia**. Lisboa: Universidade Lusófona, n.28, 2007. Disponível em:<<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/512>>. Acesse em maio de 2017.

WOORTMANN, Ellen F. Espaços de gênero, casa e gestão alimentar: contexto rural teuto-brasileiro. In: **Saberes e sabores da colônia**: alimentação e cultura como abordagem para o estudo do rural [recurso eletrônico] / organizadora Renata Menasche. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. p. 267-284.

**APÊNDICE A**  
**QUESTÕES BÁSICAS PARA ORIENTAR OS GRUPOS FOCAIS**

- 1) Conte-me sobre você. Como você se descreveria?
- 2) Como se vivia antigamente? Que diferenças podem ser percebidas entre o modo de viver hoje?
- 3) Quem na sua família foi balseiro? Em que época e por quanto tempo?
- 4) Que atividades você e as outras mulheres da família realizavam naquela época?
- 5) Gostaríamos de ouvi-la a respeito das festas que aconteciam na comunidade.
- 6) Qual(is) era(m) e quando e como aconteciam?
- 7) Como você e sua família lidava com a ausência de hospitais, médicos e postos de saúde na comunidade?
- 8) Como era a organização do lar, o cuidado dos filhos e o trabalho na lavoura na ausência do marido e/ou pai quando viajava para levar as madeiras à Argentina?
- 9) Que momentos mais marcaram a sua vida nessa época? Você poderia nos contar?
- 10) Quando o seu marido ou pai (balseiro) retornava para casa, eles ajudavam com as tarefas domésticas? Qual era o papel dele(s)?
- 11) Você conhece o Museu do Balseiro? O que acha? Ele te representa? Que mudanças você sugere?
- 12) O que significa ser mulher hoje e naquele tempo para você?

**APÊNDICE B**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO (TCLE)**

Prezada senhora: Com o objetivo de valorizar a presença das mulheres na história de Itá, Santa Catarina, está sendo realizado, junto ao Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o projeto de pesquisa denominado MEMÓRIAS SILENCIOSAS: (In) visibilidade e saber feminino no Museu do Balseiro, Itá, Santa Catarina, sob responsabilidade da Pesquisadora Profa. Dra. Ana Maria Dalla Zen e da Mestranda Lilian Santos da Silva Fontanari.

A senhora está sendo convidada a autorizar a sua participação nesta pesquisa, que tem como objetivo reunir as memórias das mulheres que foram importantes para o desenvolvimento de Itá, a partir da atividade dos balseiros, quando elas permaneciam responsáveis pelos seus lares, no afastamento dos pais e maridos, sem que suas histórias, saberes, lutas pela sobrevivência tenham sido devidamente lembradas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, sob a forma de um estudo de caso, que incluirá a técnica de grupo focal e observação participante, com dez mulheres itaenses, que terá como base a metodologia da História Oral. O objetivo do grupo focal é reunir um grupo de pessoas para conversar sobre temas comuns a todas participantes, e os encontros poderão ser realizados na sede do Museu e/ou na residência de uma das integrantes.

Ao participar deste estudo, a Senhora permitirá que a pesquisadora/professora faça perguntas sobre a sua vida na cidade de Itá, rememorando situações de sua infância, casamento, partos, trabalho que serão utilizadas na redação de dissertação de mestrado sobre o papel das mulheres na história de Itá e na ação dos balseiros na região.

A Senhora tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a pesquisa. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa/aula através do telefone da pesquisadora/professora, Ana Maria Dalla Zen, pelo celular (51) 998075491. Se necessário, poderá entrar em contato com Comissão de Ética da UFRGS, pelo telefone (51) 3308-3738.

Esclareço que alguns questionamentos sobre a sua vida podem provocar

sentimentos de tristeza, saudades, mágoas, ou outros tipos de incômodos ao lembrar-se de histórias e situações passadas que a Senhora pode não querer descrever, motivo pelo qual poderá se recusar a responder, ou até mesmo afastar-se da pesquisa. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais, e somente as pesquisadoras/professoras terão conhecimento dos dados.

Por se tratar de informações de sua vida que você considera importantes para serem divulgadas, se for de sua escolha, o seu nome próprio será identificado. Mas, no caso de optar por preservar a sua identidade, seu nome será substituído por um nome fictício, de sua livre escolha, para poder acompanhar o resultado final Destaco que os documentos serão guardados durante cinco anos, podendo ser consultados.

Espero que este estudo traga informações importantes sobre o papel da mulher e como ela/você é representada no Museu do Balseiro e na história de Itá, e que isso possa ser divulgado pela Professora Ana Maria Dalla Zen e a mestranda Lilian Santos da Silva Fontanari, para dar visibilidade às mulheres que, embora tenham sido tão importantes, ficam escondidas nas memórias relatadas sob o olhar masculino. Lembro que as entrevistas serão gravadas em vídeo e fotografadas, e nesse sentido, pedimos o seu consentimento para o uso de imagens. Conforme Res. 510/16, os registros da pesquisa devem ser guardados por 5 anos.

Após estes esclarecimentos, solicito o seu consentimento de forma livre para a sua participação nesta pesquisa. Preencher, por favor, os itens que se seguem: Consentimento Livre e Esclarecido Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa/aula.

Opto por ( ) utilizar um nome fictício : \_\_\_\_\_ ( ) prefiro que meu nome seja divulgado Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura da Entrevistada \_\_\_\_\_

Assinatura da Pesquisadora \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

TELEFONES Pesquisadora: (51) 99807-5491 E-mail azen@ufrgs.br

Mestranda: (49) 99914-3117 E-mail: lilian.ms.rs@gmail.com  
CEP/UFRGS: (51) 3308-3738. E-mail: etica@propesq.ufrgs.br

## ANEXO I

## CRIAÇÃO ESQUETE TEATRAL DIA DO BALSEIRO

29/09/2018 – Recanto do Balseiro – Itá

Criação: Leila Andréia Cosmann / Meninas Arteiras Cia de Artes

Cena inicia com mãe e duas filhas fazendo atividades da lida diária: limpeza da casa (passar pano, varrer, costurar, dobrar roupas... Vão trabalhando e cantarolando...

Mãe: Olha o dourado que bateu no espinhel... Filha 1: Trás a canoa que rio fundo não da pé... Mãe: Olha o dourado que bateu no espinhel... Filha 2: Trás a canoa que rio fundo não da pé...

Mãe: Esta cantiga é muito antiga é muito amiga... Que me acompanha desde o dia em que nasci

Filha 1: Pego a canoa quando eu saio noite afóra Filha 2: Pescando estrelas no Uruguai ou por aqui Mãe: Ela é remanso, cachoeira é lua cheia...

Filha 1: Ela é piava ela é dourado é surubi

Filha 2: Ela e o espanto do piá que a vez primeira Filhas: Tirou das águas para o solo lambari

Mãe: É o pão da mesa pela fome de quem pesca... O peixe arisco da aventura que há de estar

Filhas: A voz humilde de quem canta esta cantiga

Todas: Sem outros sonhos que não seja o de pescar/sonhar... Mãe: Esperem um pouco... Está muito

silencioso hoje aqui.

Filha 1: É sempre silencioso aqui mãe.

Filha 2: É, ainda mais sem os homens e suas brontolações  
(filhas riem)

Mãe: Não sei... Hoje está esquisito... Filha 1 quero que  
amanhã você cuide da roçada no pedaço de terra de cima  
do morro. Faz tempo que tá virado em picão lá...

Filha 1: Está bem mãe.

Mãe: E você Filha 2 comece a rachar aquela lenha que tá  
no paiol, eu vi que você anda passando longe do machado.

Filha 2: Ah mãe, mas rachar lenha é serviço de homem.

Mãe: E me diga onde estão os homens pra fazer este  
serviço? Coloca vontade neste corpo e começa já essa  
empreitada.

Filha 2: Mas então bem que a caçula poderia me ajudar...

Mãe: Tu não tem vergonha marmanjona! Olha o teu  
tamanho e falar uma coisa dessas da nossa pequena... Meu  
Deus é isso... O silêncio... Cadê a pequena?

Filha 1: Meu Deus do Céu Mãe, eu não vi mais ela hoje

desde cedo. Filha 2: Eu só vi quando acordamos... Meu

Deus...

Mãe: Vamos, não fiquem paradas... Procurem (atravessam a cena procurando, chamando pela filha caçula... E nada...)

Filha 2: Mãe será que a onça pegou ela?

Filha 1: Vira essa boca pra lá! Pode ser que tenha sido o leão baio.

Mãe: Calem a boca as duas. Peguem uma vela. Vamos rezar (...) Surgem cantando a vizinha e a filha caçula  
A canoa virou por deixar ela virar, foi por causa da Maria que não soube remar... Mãe: Graças a Deus! Santo Pai! Santo Pai! Obrigada senhor! Onde é que você tava filha?

Filha 1: A gente ficou muito preocupada. Filha 2: Achamos que a onça tinha te pegado. Mãe: Fala alguma coisa filha...

Vizinha: Eu tava de passagem por perto do rio... Aí vi alguém sozinho lá... Me aproximei... Era ela. Ela estava lá na barranca do rio... Tinha até levado essa coberta pra passar a noite lá...

Mãe: Por que filha? Por que dormir lá sozinha?

Filha Caçula: É que essa noite eu tive um sonho mãe... E no meu sonho uma estrela falava comigo. E ela dizia que quando o céu estivesse cheio de outras estrelas, o pai e o nono chegariam... Eu tava esperando o pai, mãe... Se ele ia chegar... Mas aí a tia disse que vai demorar um pouco ainda... Então a estrela deve ter se enganado nas contas...

Mãe: Sim, meu amor... Os homens neste ano deve ficar 3 meses fora... Já se passaram mais de 2 meses sem eles...

Mas a gente nunca sabe na verdade quando eles vão chegar.

Vizinha: São 580km Uruguai abaixo até Santo Tomé na Argentina... Pra depois regressar de trem de São Borja a Santa Maria, indo até Barros... E depois mais 90km a pé até chegar em casa.

Filha Caçula: Nossa Senhora da Carupita! É muito longe... É pelo visto vai demorar ainda...

Mãe: Mas não fica triste não... Tudo vai dar certo. Quando menos você esperar o pai e o nono já estarão em casa.

Filha 1: Vem com a gente pra trocar essa roupa... Saem

Mãe: Meu Deus Comadre (vizinha) muito obrigada! Se não fosse por você saber lá o que poderia ter acontecido.

Vizinha: Imagina só... Hoje foi você, amanhã pode ser eu... Nesse tempo que os balseiros estão longe, nos resta uma às outras.

Mãe: É verdade.

Vizinha: E como está a gestação?

Mãe: Olha, vou te confessar que está difícil. Estou com umas dores, uma cansa, um mal estar...

Vizinha: Você precisa repousar.

Mãe: Como comadre? É muita coisa pra cuidar. Tem os bichos pra tratar, a lavoura pra cuidar... As meninas pra

comer... O receio de que aconteça alguma coisa com os homens... Nunca se sabe... Sempre estar de olho com os predadores... Fora o perigo dessa bandidagem.

Vizinha: É, nossa vida parece ser uma incerteza às vezes... O velho Rio Uruguai sabe a história que a correnteza sempre leva pra longe pra bem longe... Deixa eu ver tua barriga...

Realmente ela está um tanto baixa... E dura... Será que alguém está com pressa por aqui?

Mãe: Deve ser as preocupação... Fica com a gente hoje, já está escurecendo. Logo vamos jantar.

Vizinha: Está bem. É melhor mesmo eu ficar. Minhas crianças estão com minha mãe e minha cunhada. Eu inclusive deixei dito que se não voltasse era porque ia pedir poso aqui.

Filhas (entrando correndo): Mãe! Mãe! Socorro! Mãe! Tem um barulho estranho lá atrás de casa. Parece que é alguém caminhando... Acho que é um bicho... Ou gente...

Mãe: Fechem a casa. Peguem a vela (...) São Miguel Arcanjo é o patrono especial das pessoas doentes, dos marinheiros, e dos policiais.

Vizinha: “Houve uma grande batalha: Miguel e seus anjos lutaram contra o Dragão. O Dragão também lutou, junto com seus anjos, mas foram derrotados, e não houve mais lugar para eles no céu (Apocalipse, 12, 7-8) ”.

Filha 2: A catequista falou que São Miguel é o santo das águas... E a oração de proteção de São Miguel Arcanjo é

uma das orações mais poderosas que existem.

Filha 1: Não é a toa que os balseiros partem geralmente próximo ao dia de São Miguel, dia 29 de setembro... Que coincidentemente é o período das enchentes. Filha

Caçula: Mãe, quando a gente se encontra numa situação complicada, temos que rezar com fé e confiança esta oração. Pedir a São Miguel, o anjo guerreiro, que venha em nosso auxílio, e acredite que com fé os milagres acontecem mesmo.

Todas:

São Miguel Arcanjo, Protegei-nos no combate, Defendei-nos com o vosso escudo!

Ó Príncipe celeste, pelo Divino poder, afastai de mim tudo o que não me faz bem. São Miguel em cima, São Miguel em baixo, São Miguel à esquerda, São Miguel à direita, São Miguel à frente, São Miguel atrás.

São Miguel, São Miguel, São Miguel. Aonde quer que eu vá, Eu sou o seu amor, que me protege aqui e agora. Amém!

Mãe: Agora vamos cuidar da janta! Filha Caçula: Vai ter galinha hoje mãe?

Filha 1: Não é! Galinha é só uma vez por semana. Filha 2: E nessa semana já foi... Que pena...

Mãe: Não reclamem pois temos arroz, feijão,

mandioca e peixe. Filhas: Que novidade...

Mãe: Olha os modos! Quando os homens voltarem tudo vai ficar melhor... Com dinheiro a gente vai comer mais e melhor.

Filha Caçula: Tia, posso te mostrar o que eu preparei pra apresentar pro pai quando ele voltar? Vocês me ajudam (às irmãs)?

Filhas: Está bem.

Vizinha: Claro! Vou adorar assistir uma apresentação!  
Estou pronta!

Filha Caçula: Mãe, você também fica ali do lado da tia, é como se vocês estivessem na plateia, tá?

Mãe: Está bem.

Caçula: Amanhã eu vou m'embora, pros rumo de Uruguaiana, vou levando na minha balsa cedro, angico e canjerana.

Filha 1: Quando chegar em São Borja, dou um pulo a Santo Tomé, só pra ver as correntinas e bailar um chamamé.

Todas: Oba, viva veio a enchente o Uruguai transbordou, vai dar serviço prá gente.

Filha 2: Vou soltar minha balsa no rio, vou rever maravilhas que ninguém descobriu.

Todas em roda: Choveu, choveu, e o rio encheu, Tarugos e gravatas que se prendem,  
balsa que desliza e que se vai e que segue embalando

sobre o leito do velho Rio Uruguai.

Mãe e Vizinha também entram na roda... Quando derrepente a bolsa estoura...

Mãe: Virgem Maria! Nossa Senhora do Bom Parto! A bolsa estourou... É uma bênção de São Miguel a parteira da comunidade estar em nossa casa nesta noite... Vizinha: Meninas, consigam uma tesoura, água quente e umas toalhas (saem) Filhas ficam ansiosas esperando... Quando a Caçula aparece berrando...

Filha Caçula: É um balseiro! Filhas: O que?

Filha Caçula: Quero dizer é um menino! Filhas: Um menino! Viva! Que alegria!

Vizinha (voltando à cena): É a vida que se renova! E com ela a esperança também! Esperança de dias melhores...

Mãe: E junto à esta esperança, somos tomadas de gratidão ao Rio e à nossa ligação com ele.

Filha 1: Gratidão e honras à essas mulheres que não deixaram o barco afundar, que tocaram a vida com dignidade, luta, dedicação e amor... Mesmo com tantas dificuldades.

Filha 2: Gratidão e homenagens a estes homens que viram na atividade madeireira a base de uma nova economia, o progresso de uma sociedade, feito com a coragem dos valentes, a bravura dos fortes e a humildade daqueles que tem a simplicidade marcada no peito.

Filha Caçula: Alegria! Alegria! Viva! Mil Vivas! Vejam lá!  
Vamos! Eles estão voltando!!!! (saem em busca do  
reencontro)

Fim!